



Departamento de Sociologia

“GERAÇÃO NET”: Representações dos Jovens sobre Televisão e Internet

Maria Margarida Batista de Meneses Montenegro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:
Professora Tânia de Moraes Soares,
ISCTE-IUL

Setembro, 2010

Agradecimentos

Agradeço à minha família pelo apoio, em especial ao meu irmão Nuno e à minha irmã Irene, por terem sempre acreditado em mim e nas minhas capacidades.

Ao Paulo pela paciência e pelas palavras certas em todos os momentos, e a todos os meus amigos que sempre me apoiaram.

Aos meus colegas de trabalho, Pedro Neves de Sousa e Valdemar Duarte, que me ajudaram quando mais precisei, e a todos os jovens que colaboraram no estudo e sem os quais nada teria sido possível.

Agradeço também à Professora Tânia de Moraes Soares pela disponibilidade e ajuda na elaboração deste trabalho.

Resumo

A Internet apresenta-se como um meio interactivo, rápido e de fácil utilização, capaz de elevar os seus utilizadores a uma nova dimensão nunca antes vista, à dimensão onde os mesmos podem ser também criadores de conteúdos. E é perante estas constatações que nos surgem as questões que aqui procuramos responder: que relevância assume este meio na vida dos jovens dos 15 aos 17 anos? Que representações têm e como o diferenciam da Televisão?

Na busca destas respostas, procurámos com este estudo analisar estas representações e os processos relacionais que a vulgarmente denominada “Geração Net” desenvolve com a Internet e com a Televisão, assim como analisar como perspectivam o futuro destes meios de comunicação. Para além disto, torna-se também importante tentar perceber até que ponto a “Geração Net” poderá ou não estar a sofrer algumas alterações na sua composição etária.

Este trabalho foi desenvolvido com recurso a uma metodologia qualitativa através de entrevistas semi-dirigidas aplicadas aos jovens objecto de estudo. Foi ainda operacionalizada a técnica de análise de conteúdo relativa à transcrição das respostas dos entrevistados.

Conclui-se que os jovens da “Geração Net” preferem a Internet à Televisão sem serem dependentes da Internet, uma vez que começam a preferir realizar outras actividades que promovam as relações cara-a-cara, principalmente relações de amizade. O meio online tem importância para estes jovens no estabelecimento e manutenção de redes de amizade, enquanto a Televisão é vista pelos jovens como um meio para a promoção da união familiar. O futuro é encarado pelos jovens com grande entusiasmo no que toca à evolução da Internet, mas o mesmo não se verifica face à televisão, acreditando que este meio poderá ser substituído pela Internet e prevendo grandes mudanças nos conteúdos televisivos.

Palavras-chave: Jovens, Geração Net, Internet, Televisão

Abstract

The Internet presents itself as an interactive, fast and easy to use medium, capable of taking its users to a new dimension never seen before, one where those same users can be the content creators. It is in the face of these findings that questions are raised: what relevance does this medium have in the lives of 15-17 year old teenagers? What does it mean to them and how do they differentiate it from Television?

In search of the answers to these questions, this study seeks to analyze the meaning and also the relationship processes that the so-called “Net Generation” develops through the Internet and Television, as well as analyze the future prospects of these means of communication. In addition, it is also important to understand at which level the “Net Generation” is or is not undergoing some changes in its age composition.

This work was developed by utilizing a qualitative methodology through semi-directed interviews with the targeted youth of this study. The content analysis technique was also applied in relation to the transcription of the answers provided by the interviewees.

It is concluded that the “Net Generation” youth prefer the Internet to the Television without being dependent on the Internet since they start to prefer other activities that promote face-to-face interaction, in particular friendships. The online medium is relevant to the youth in establishing and maintaining networks of friends, whilst Television is viewed as a medium that promotes family union. The future is looked upon by the youth with great enthusiasm as far as the Internet evolution is concerned, but the same is not verified when referring to Television which they believe may indeed be replaced by the Internet and foreseeing great changes in the television contents.

Keywords: Youth, Net Generation, Internet, Television

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Introdução	1
Opções Metodológicas	3
CAPÍTULO I – Televisão	
A experiência televisiva – uma breve abordagem histórica e crítica	6
Audiências televisivas	8
Novos formatos de Televisão para captação de novas audiências	10
CAPÍTULO II – Internet	
Internet – dos primórdios aos dias de hoje	13
A Internet na óptica do utilizador (interactividade)	15
CAPÍTULO III – Os Jovens e a Geração Net	
O conceito de juventude	19
A “Geração Net”	20
“Geração Net” – entre o mundo televisivo e o mundo online	23
CAPÍTULO IV - Internet e Geração Net – as entrevistas	
Modalidades de acesso e consumo de Internet da Geração Net	27
Interferência da rede nas redes de amizade e familiares	28
Representações positivas e negativas sobre a Internet	29
Os Jovens e o Futuro da Internet	31
CAPÍTULO V - Televisão e Geração Net – as entrevistas	
Preferências – Televisão vs. Internet	33
Tipos de consumo	34

Um Olhar Sobre a Televisão - Representações positivas e negativas	36
Perspectivas sobre o futuro da Televisão	38
Conclusão	40
Referências Bibliográficas	45
Anexo A – Caracterização geral dos entrevistados	51
Anexo B – Grelhas de análise das entrevistas	52

Introdução

Ao longo dos tempos e nos mais diferentes espaços, o Homem comunicou de diversas formas fosse através do gesto, dos hieróglifos, dos sinais de fumo, dos correios, dos telefones, da Rádio, da Televisão e, mais recentemente, da Internet.

Vivendo com meios de comunicação como a Rádio, a Televisão e a Imprensa Escrita, os utilizadores dos primeiros computadores pessoais estavam longe de imaginar que nova forma de comunicação e informação poderia ainda surgir. À geração do transístor sobrepôs-se a geração da Televisão e a esta a geração da Internet.

Erradamente se poderá pensar que a coexistência entre os vários meios de comunicação é impossível. Inclusivamente, a Geração Net vê o seu meio de comunicação de eleição a aglutinar, como nenhum outro, das mais tradicionais às mais apelativas e evolutivas formas de informar, obrigando os primeiros a modularem-se às novas exigências dos novos (e velhos) consumidores.

Mas novos tempos significam, também, a eclosão de novos desafios e de novas dificuldades, ao mesmo tempo que se impõe a necessidade de gerar lucros, que permitam a inserção de novos conteúdos, ou mesmo, a reciclagem de conteúdos que outrora foram sinónimo de *shares* elevados.

A Internet é, para todas as gerações, um meio de comunicação, informação, pesquisa, entretenimento, etc, quase vital para qualquer estudante, trabalhador e (já muitos) reformados. A democratização do acesso e a baixa de custos associada, permite que muitos lares portugueses detenham, hoje em dia, acesso à Internet através de Banda Larga, permitindo não só a facilidade e rapidez de consulta, como também a visualização de conteúdos televisivos (serviços de informação, séries, documentários, entre outros), por norma mais “pesados”. Mas são os conteúdos e a oportunidade de visionamento dos mesmos que, actualmente, contribuem para um maior antagonismo entre a Televisão e a Internet para a Geração Net.

A verdade, é que a Geração Net parece ter a necessidade de não “perder tempo” com conteúdos intercalares que não lhe interessam, focalizando a sua atenção em pequenas peças, independentemente do seu cariz, no tempo e espaço por eles mesmos determinado. Faz sentido referir que são, maioritariamente, as redes sociais e as comunicações escritas em tempo-real (como o *Messenger*) que vão dando corpo a esta procura e visionamento focalizado, numa espécie de “passa palavra”.

A partilha e anúncio na rede de conteúdos específicos, na sua grande maioria, de cariz lúdico é, sem dúvida, um dos principais motores motivacionais da “Geração Net” e da utilização que faz, diariamente, da Internet, seja através de um computador pessoal, seja através de um telemóvel.

Contudo, o universo televisivo, apesar de restrito em matéria de interactividade, faz parte integrante da realidade destes jovens muito antes de a Internet ter entrado nas suas vidas.

Como lidam os jovens com esta duplicidade mediática, entre a virtualidade e o zapping? Como estruturam a sua relação com a Internet e como se distinguem da Televisão? Será que desprezam efectivamente a Televisão e optam quase que exclusivamente pela Internet? Continuará esta a ser a denominada “Geração Net” que depende da Internet no seu dia-a-dia? Que impacto terão estes dois meios nas suas relações de amizade e familiares? Como perspectivam o futuro destes dois meios de comunicação? Será que acreditam na sua evolução? Que expectativas têm face ao inter-relacionamento destes media no âmbito de um contexto de profusão de ferramentas comunicacionais?

É neste contexto que surge esta investigação que pretende dar conta da potencial relação entre um grupo social específico (os jovens) e um novo e extraordinário meio de comunicação (Internet), estabelecendo uma relação com o *media* mais popular até aos dias de hoje – a Televisão - e constituindo desta forma um contributo para uma área de investigação em desenvolvimento.

Assim, no primeiro capítulo faz-se uma breve abordagem histórica e crítica da Televisão, onde são exploradas as mudanças estruturais de que esta tem sido alvo ao longo dos tempos. Para além disto, é também abordado o conceito de audiência televisiva, à luz de diversos contributos teóricos, e estabelecida a distinção entre audiência passiva e audiência activa. Por último, são referidas algumas estratégias usadas para captação de audiências, através de novos formatos de Televisão, como a Televisão digital ou a Web-TV.

No segundo capítulo é dirigido um olhar à Internet com uma breve abordagem evolutiva, mediante a definição do conceito de Internet à luz de vários autores. Por ser um meio de comunicação, caracteriza-se ainda os seus utilizadores/consumidores, que adquirirão novas competências ao nível da participação e produção de conteúdos.

No terceiro capítulo, é definido o conceito de juventude, fazendo referência a algumas abordagens teóricas que estudam o aspecto psicossocial e cognitivo dos

adolescentes. Numa segunda parte discute-se o conceito de “Geração Net” e o ambiente mediático que rodeia actualmente os jovens. Por último, é abordada a relação entre jovens, Internet e Televisão.

No quarto e último capítulo, reflecte-se sobre os resultados das entrevistas realizadas junto de jovens dos 15 aos 17 anos de forma a perceber os usos sociais, expectativas e representações que estes possuem a respeito da Internet e da Televisão, assim como tentar compreender de que forma perspectivam a evolução destes dois meios.

Opções Metodológicas

Tomando os jovens como objecto de estudo iniciou-se este projecto de investigação com o objectivo de investigar as representações, consumos, perspectivas e expectativas de futuro que este grupo tem face à Internet, tentando estabelecer uma diferenciação face a outro meio de comunicação que detém um papel hegemónico – a Televisão.

Para qualquer tipo de investigação é necessário proceder à escolha de um método que vai guiar a pesquisa e responder às questões colocadas. Deste modo, também para esta investigação foi necessária a escolha de uma metodologia de investigação adequada às respectivas questões.

Para este estudo optou-se pelo método de entrevista. Para Quivy e Campenhoudt (2005) a entrevista possibilita ao investigador retirar “ (...) informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados (...)” e “ (...) permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e profundidade”. Apesar deste método ser menos eficaz, na sua dimensão quantitativa, comparativamente ao método de inquérito por questionário, acaba por compensar na sua dimensão qualitativa. Segundo os mesmos autores (2005), este tipo de método oferece informações de carácter mais aprofundado que permitem confirmar ou infirmar as hipóteses de trabalho. Contudo, e no caso do presente estudo, segundo Moreira (1994) a falta de recursos e o método escolhido não permitem obter representatividade impossibilitando generalizar os resultados obtidos para o total do universo. Segundo o mesmo autor (1994), neste tipo de pesquisa, a obtenção de representatividade é posta de lado para dar lugar à compreensão de processos sociais.

A opção deste método deve-se sobretudo às suas características tendo em conta o objecto do estudo, uma vez que se pretende conhecer e compreender as expectativas e representações que os jovens têm sobre a Internet, mas também devido às limitações impostas pelas pesquisas individuais relacionadas com a escassez de recursos humanos, técnicos e financeiros, que normalmente as pesquisas individuais apresentam.

Devido a condicionamentos temporais e à dimensão desta pesquisa empírica, foram realizadas entre Junho e Julho de 2009, dezoito entrevistas a jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, residentes no distrito de Lisboa. As dezoito entrevistas foram divididas em grupos de seis jovens (três do sexo feminino e três do sexo masculino) com 15, 16 e 17 anos e de diferentes níveis de escolaridade (ver Anexo A sobre a caracterização geral dos entrevistados). A escolha dos entrevistados não pressupôs nenhum critério rígido, foi surgindo consoante os contactos pessoais estabelecidos e atendendo sempre ao grupo específico a estudar – jovens dos 15 aos 17 anos residentes no distrito de Lisboa – e aos objectivos do estudo.

As entrevistas semi-estruturadas ou semi-digiridas foram as escolhidas para a realização desta investigação. Para Ghiglione e Matalon (1993) este tipo de entrevistas denominadas por eles entrevistas *semi-directivas* é o adequado “ (...) para aprofundar um determinado domínio, ou verificar a evolução de um domínio já conhecido”. Foi assim, elaborado um conjunto de perguntas-guia que, segundo Soares (1996), deixam o entrevistado à vontade para responder não tendo deste modo, um carácter de obrigatoriedade de resposta por parte de todos os entrevistados ou mesmo de uma ordem pré-estabelecida para fazer as perguntas. O objectivo pretendido com este tipo de entrevistas é apenas encaminhar o entrevistado para os objectivos da investigação.

De forma a facilitar o processo de recolha de informação durante as entrevistas, recorreu-se à gravação das mesmas. Segundo Soares (1996), este tipo de procedimento cria condições para a autenticidade das respostas dos entrevistados e impede a perda de informação importante. Para Moreira (1994), a gravação torna-se num meio auxiliar muito importante para o investigador pois a qualidade das respostas é mantida e a “possibilidade de influenciar as respostas – o comumente chamado ‘pôr as palavras na boca do entrevistado’ – reduz-se drasticamente.” Contudo, este processo de gravação de entrevistas, apesar de permitir retirar o máximo de informações possíveis, por outro lado também pode ser inibidor para os entrevistados. Assim, e de acordo com o defendido por Moreira (1994), para manter a autenticidade nas respostas, foi garantido a

todos os entrevistados o sigilo das mesmas e da sua identidade, e explicados os pressupostos da pesquisa em causa.

Após a transcrição integral das entrevistas foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Esta técnica é a que melhor se adequa a esta investigação, uma vez que permite retirar informações aprofundadas através do tratamento qualitativo da informação recolhida.

Assim, a partir da transcrição integral das entrevistas, foi aplicada esta técnica tendo sido criada uma grelha de análise com categorias de codificação, com vista à sistematização dos dados obtidos. (ver Anexo A)

Em termos práticos, esta análise de conteúdo das entrevistas baseia-se numa selecção e agrupamento, a partir da transcrição integral das entrevistas, das unidades de registo referentes a categorias pré-determinadas (ver Anexo B). Estas unidades de registo correspondem às questões levantadas nas entrevistas, que por sua vez correspondem a várias unidades de contexto compostas por citações dos jovens entrevistados, que vão elucidar o significado das unidades de registo. Assim, para enumerar as respostas foi utilizada a frequência, que contabiliza as respostas semelhantes e as respostas discrepantes. Para além disto, foi também usada a direcção de forma a determinar o significado das citações dos entrevistados, ou seja, se tem um significado positivo (+), negativo (-), ambivalente mas tendencialmente positivo (+/-), ambivalente mas tendencialmente negativo (-/+) ou neutro (=).

CAPÍTULO 1 – Televisão

A experiência televisiva – breve abordagem histórica e crítica

Desde o seu aparecimento e até aos dias de hoje, a Televisão tem sido alvo de vários estudos, não só por ser um meio com características mais apelativas do que os restantes, mas fundamentalmente pela sua influência social.

Sendo, nos dias de hoje, um dos meios preferenciais de comunicação, a Televisão sofreu ao longo dos tempos grandes mudanças estruturais, acompanhando a própria evolução tecnológica da humanidade. As primeiras experiências televisivas remontam aos anos vinte do século XX e relacionam-se com o estudo da imagem e da sua forma de transmissão (ALBERT e TUDESQ, 1981; TEVES, 1998).

Segundo Teves (1998), após o final da Segunda Grande Guerra, houve necessidade de reconstruir a vida colectiva e de dar ânimo à população, surgindo a como resposta a esta necessidade começando, assim, a conquistar terreno para se tornar o meio de comunicação de massas hegemónico.

A década de 50 foi fulcral no desenvolvimento da Televisão, sendo alvo de inovações técnicas, que possibilitaram o aumento da produção televisiva, assim como a sua distribuição e consumo, o que resultou num rápido crescimento da audiência, e na entrada da Televisão na dita era moderna (TEVES 1998; CÁDIMA, 1995).

Para Teves (1998), tanto a Televisão como a rádio provocaram, nesta época, uma verdadeira revolução cultural através da sua expansão pelo mundo, em consonância com o desenvolvimento de inovações técnicas.

Entre estas inovações técnicas destaca-se a revolução das telecomunicações, ligada, essencialmente, à utilização dos cabos coaxiais e dos satélites de comunicações, que alargaram o panorama audiovisual multiplicando as trocas de informações e de conteúdos programáticos (ALBERT e TUDESQ, 1981; CÁDIMA, 1995; TEVES, 1998).

Na incessante procura de se modelar aos tempos e às necessidades dos telespectadores, a Televisão assumiu novas funções e novas especializações, como por exemplo, nos anos 80 do século XX, onde adquiriu uma componente educativa, ao fornecer matéria para a formação não só de crianças e adolescentes em idade escolar,

mas também de adultos, através de programas de conteúdo didáctico em diversas áreas do conhecimento (AEISCSP, 2000).

Para além da expansão técnica e pedagógica, este meio de comunicação também alargou os seus horizontes a escalas mais abrangentes. Isto é, segundo Barker (1997), a Televisão tornou-se global ao contribuir para a globalização da modernidade, pela circulação dos seus conteúdos à escala mundial.

Com o seu desenvolvimento à escala global, iniciou-se o debate sobre a necessidade de uma regulação de Televisão e dos seus conteúdos. Como refere Papathanassopoulos (2002), cada país desenvolveu mecanismos de regulação com base em regras para o acesso à produção e distribuição de conteúdos televisivos, de forma a influenciar a qualidade dos programas transmitidos.

Contudo, e como observou o mesmo autor, a falta de uma regulação efectiva e eficaz levou a uma desregulação do sector televisivo europeu, que acabou por ter influência directa na produção e distribuição de conteúdos, assim como na própria organização do sector televisivo. Desta desregulação resultou um aumento de canais, acentuando ainda mais a concorrência ao nível de programas com conteúdos semelhantes, com consequências ao nível da qualidade televisiva.

Esta conjuntura levou também a mudanças a nível organizacional dentro de cada emissora. Segundo Barker (1997), o fraco ambiente regulatório vivido em alguns países levou ao aparecimento de empresas transnacionais no sector, criando um ambiente competitivo com as emissoras de serviço público. A partir deste momento, seguindo a mesma linha de raciocínio, foram-se formando grandes grupos multimédia dominados por empresas multinacionais de âmbito comercial.

Barker refere, ainda, que este tipo de Televisão transnacional revê-se na Televisão comercial, cujo principal objectivo é a obtenção de lucro, pondo em risco a qualidade dos programas, concluindo que a ausência de uma regulação eficaz faz com que os detentores da Televisão transnacional explorem a Televisão que lhes dá mais audiências, baseando-se em conteúdos que vendem mais – novelas e tragédias. A este respeito Papathanassopoulos (2002) defende que a maximização do lucro e a minimização do risco financeiro acabam por levar as empresas detentoras deste meio de comunicação a criarem conteúdos com base na imitação de géneros televisivos que dão lucro, ou mesmo a reciclarem os conteúdos entendidos como mais rentáveis.

Todas estas mudanças estruturais, que conduzem à evolução da Televisão enquanto meio de comunicação, tiveram e continuam a ter implicações significativas

nas audiências. À medida que a Televisão adquiria poder, esse mesmo poder era questionado no que respeita a audiências.

Aberto o canal da desconfiança generalizada, várias foram as teorias e estudos que se desenvolveram ao longo do tempo, conferindo particular atenção a audiências mais vulneráveis aos conteúdos transmitidos, isto é as crianças e os jovens.

McLuhan (2001) chamava a atenção para a importância da Televisão na transformação dos modos de transmissão da cultura e do pensamento, introduzindo o conceito de “aldeia global”.

Postman (1987), na sua crítica à Televisão, acredita que para além de misturar entretenimento com assuntos sérios, também não é dotada de interacção na transmissão de informação, algo que considera essencial para que seja um meio educativo.

Bourdieu (1997) elabora também uma crítica aos *media* e em particular à Televisão e audiências televisivas. Do seu ponto de vista, este meio de comunicação de massas exerce uma forte influência sobre o público, que se deixa fascinar e homogeneizar. A forte concorrência neste sector acaba por uniformizar a oferta, pois todos buscam o mesmo objectivo: subir nas audiências.

Wolton (2000), um dos autores que mais se destaca no estudo da Televisão, considera que a Televisão tem um importante papel social e cultural na sociedade individualista de massas. É ela que promove a coesão da sociedade e opera a ligação entre a dimensão individual e a dimensão colectiva. Defende, ainda, a Televisão generalista face à Televisão temática, pois é através da primeira que se consegue preservar a confiança dos públicos. Para além de estudar a Televisão, Wolton faz uma crítica à Internet e ao seu papel social, face ao poder omnipresente da Televisão.

Audiências televisivas

O conceito tradicional de audiência, segundo Pinto (2000), era definido pela “relação de co-presença no espaço e no tempo de uma determinada realização, presenciada por um número limitado de pessoas”. Segundo este mesmo autor, o conceito veio a alterar-se em termos quantitativos e qualitativos com os meios de comunicação de massas: em termos quantitativos, assistiu-se ao crescimento no número de pessoas que podem receber a mensagem do meio em causa; em termos qualitativos,

acabou a relação presencial que o anterior conceito exigia. A audiência tornou-se, com os meios de comunicação de massas, mais heterogénea.

McQuail (1994) refere-se a esta mudança do conceito de audiência como uma invenção social, que se sobrepõe à anterior versão e que passa a ter distintas acepções, nomeadamente, audiência enquanto agregado de espectadores, leitores ou ouvintes; audiência enquanto massa de indivíduos; audiência enquanto públicos; e audiência enquanto mercado.

Estes dois últimos tipos de audiência são para a autora, Ien Ang (1996), conceitos que se aplicam aos modelos público e privado. No caso da Televisão privada, existe uma produção de programas com vista à obtenção de lucro através da publicidade, aplicando-se a este modelo a audiência como mercado. Quanto à Televisão pública aplicar-se-á a audiência como público, pois este modelo tem uma produção de programas de responsabilidade social e cultural (Ang, 1996 in FERNANDES, 2001). Como refere, “a audiência como mercado e audiência como público são duas configurações alternativas de audiência, cada uma ligada ao serviço comercial e público de programação televisiva. Estas duas configurações constituem a base do conhecimento institucional acerca da audiência.” (Id.)

Quando se fala da relação entre Televisão e audiências, podemos dividir a audiência em activa e passiva. Segundo Barker (1997), uma audiência passiva caracteriza-se pela passividade de um consumidor face a uma mensagem televisiva poderosa, ou seja, existe apenas a captação da mensagem por parte do espectador. Em contraponto a audiência activa, inicialmente estudada por Stuart Hall, - “Cultural Studies”. (WOLF, 1999)

Segundo Wolf (Id.), esta teoria surgiu na década de 70, afirmando-se como corrente de estudo da relação entre os *mass media* e a audiência, tendo acabado por servir de ponto de referência para a crítica da Teoria dos Usos e Gratificações¹.

Para Hall, a audiência activa é constituída por “clusters” (grupos) de indivíduos que participam activamente na descodificação das mensagens televisivas, ou seja, os indivíduos pertencem a grupos sociais específicos que acabam por condicioná-los na forma como interpretam e assimilam a informação transmitida. (WOLF, 1999)

Ainda segundo esta teoria, a descodificação das mensagens pode assumir três posições, a saber: **posição dominante**, correspondente aos pontos de vista hegemónicos

¹ Esta teoria foi liderada por McCombs, e estuda os comportamentos das audiências face aos meios de comunicação de massas, nomeadamente no que respeita às expectativas que estes geram sobre elas.

impostos a toda a sociedade; **posição negociada**, na qual a audiência adapta a mensagem à sua situação e a interesses específicos, aceitando os valores dominantes sem acreditar neles; e **posição de oposição**, que se opera a partir de uma interpretação contrária ao modo dominante de pensar. (Id.)

Teorias anteriores e posteriores a esta foram sendo desenvolvidas, no intuito de compreender melhor a amplitude da influência dos meios de comunicação de massas nas populações.

Novos formatos de Televisão para captação de novas audiências

Com os avanços tecnológicos, os meios de comunicação foram-se modificando, nomeadamente na introdução de mais e melhores técnicas, melhor imagem, melhor som, novas plataformas, novas dimensões e novos desafios, como são o caso da Televisão digital e da Web-TV.

A Televisão digital usa um modo de compressão digital para enviar vídeo, áudio e sinais de dados aos aparelhos compatíveis com a tecnologia, proporcionando assim transmissão e recepção de maior quantidade de conteúdo apenas numa frequência. Pode também ter três tipos de suporte: cabo, satélite e difusão terrestre. (PAPATHANASSOPOULOS, 2002; BORN, 2003; ANACOM)

No caso especial da Televisão Digital Terrestre (TDT), e segundo a Autoridade Nacional de Comunicações (ANACOM), a grande vantagem deste tipo de suporte, em termos técnicos, reside numa maior compressão da informação, acabando por libertar mais o espectro radioelétrico. Para além disto, a TDT suporta a emissão de vários canais em simultâneo numa mesma frequência com menores níveis de interferência com frequências adjacentes. (ANACOM; DHANIS 2008)

Face ao modelo tradicional - o analógico - a TDT apresenta ainda vantagens relativas à melhor qualidade da imagem e do som e numa maior interactividade e compatibilidade com os computadores e a Internet. Consequentemente, estas vantagens acabam por possibilitar aos operadores de Televisão a disponibilização de mais e melhores serviços aos seus clientes. (ANACOM; DHANIS 2008)

De uma forma geral, a Televisão digital é caracterizada por ter uma melhor imagem, assim como uma melhor qualidade de áudio e vídeo e potenciar uma maior interactividade com o telespectador.

Contudo, também existem desvantagens no uso desta tecnologia. Segundo Papathanassopoulos (2002), a introdução da Televisão digital é muito dispendiosa tanto para operadores como para consumidores. Do lado dos operadores requer uma nova infra-estrutura, com equipamento de transmissão e estúdios. Para os consumidores, esta tecnologia poderá ser dispendiosa pois requer a compra de novos televisores ou set-top boxes.

Com o desenvolvimento das tecnologias e o aumento da taxa de penetração da Internet, a generalidade dos meios de comunicação adoptaram uma “nova” estratégia para aumentar as audiências – imprensa, rádio e Televisão abriram os seus horizontes à Internet. Cada um destes meios criou a sua página de Internet e foi desenvolvendo mais e melhores modos de chegar ao público por este novo meio, desenvolvendo designs e conteúdos apelativos. Segundo Papathanassopoulos (2002), a maioria dos canais televisivos fizeram um upgrade aos seus sites, com vista a proporcionar aos utilizadores a transmissão online dos seus programas, mesmo que limitando qualidade e o horário de transmissão.

O desejo de transmitir via Internet, que tão facilmente chegou à população, levou a que fosse criada a IPTV (Internet Protocol Television). Segundo Ferreira (2002), este tipo de formato permite a transmissão de áudio e vídeo com grande qualidade, mas apenas quando o utilizador/telespectador possui uma conexão de Internet de Banda Larga.

Para além da IPTV foi também criada a Web-TV ou Televisão na Internet, sobre o qual, ainda para o mesmo autor (2002), este tipo de formato televisivo o conteúdo é visto principalmente no computador e há maior interactividade com o utilizador. Contudo, e para os autores Agnola e Le Champion (2003), como se trata de uma transmissão via Internet, a qualidade da recepção pode ser comprometida, ocorrendo pausas ou interrupções no envio do conteúdo. Para além disto, muitas vezes para se poder visualizar a emissão é necessário ter software específico instalado no computador.

Em Portugal existem várias Web-TV, principalmente a nível regional², a grande maioria criadas pelas Câmaras Municipais, caracterizando-se pela forte componente de

² Listagem de Web-TV portuguesas disponível em: <http://www.portalwebtv.info/portalwebtv.html>

informação sobre o município, através da Internet. Para além disto, existem ainda alguns canais temáticos de desporto e de universidades.

Seja qual for a temática ou o emissor dos conteúdos, o objectivo é o mesmo de uma emissão de Televisão dos canais generalistas e “tradicionais” – captar audiências.

Segundo Pinto (2000), o desenvolvimento dos meios de comunicação de massas veio trazer um novo alento à audiência, que sofreu alterações quantitativas e qualitativas. Do ponto de vista quantitativo notou-se um crescimento exponencial do número de pessoas que conseguem receber mensagens dos vários meios de comunicação. Do ponto de vista qualitativo, a audiência tornou-se mais heterogénea com o fim da relação presencial e com a possibilidade de interacção directa e imediata.

Esta transformação ao nível da audiência tornou-se notória com o aparecimento da Internet, pois este novo meio possibilita, segundo os autores Tapscott e Williams (2007), uma participação mais activa por parte dos seus utilizadores e, por isso, mais apelativa a determinados grupos etários.

CAPÍTULO 2 – Internet

Internet: dos primórdios à actualidade

A origem da Internet radica nas circunstâncias da Guerra Fria, período durante o qual o Departamento de Defesa norte-americano criou para fins militares, em 1957, a ARPA (Agência para Projectos de Pesquisa Avançada). (DUFOUR, 1997; SLEVIN, 2002; SILVA e REMOALDO, 1997)

Contudo, e segundo Slevin (2002), o que realmente fez despoletar o surgimento da Internet foi a criação, em 1969, da ARPANET, considerada a sua antecessora, com o objectivo de desenvolver uma rede de comunicações que facilitasse a troca e partilha de informações entre os vários centros de investigação.

Segundo Dufour (1997), a Internet foi evoluindo mas só adquiriu a configuração actual com o desenvolvimento da World Wide Web, em 1989, no CERN (Centre Européen de Recherche Nucleaire), por Tim Berners-Lee.

Para Castells (2001), a Internet tornou-se rapidamente na alavanca de transição para uma nova forma de sociedade – a sociedade em rede. Entrámos num novo mundo de comunicação, entrámos no que o autor chamou de “Galáxia Internet”, caracterizada pelo crescimento de uma nova cultura constituída pelos produtores/utilizadores e consumidores/utilizadores. Ambos são importantes ferramentas para o desenvolvimento da Internet, segundo Castells, uma vez que os primeiros, intervêm na produção e construção do sistema tecnológico, enquanto que os segundos, não participam activamente nessa produção, mas o uso que fazem da tecnologia permite que esta evolua.

A Internet é um novo *media* onde, segundo Colombo (1993), é possível encontrar a digitalização do sinal e dos seus conteúdos, que possuem dimensões de multimedialidade e interactividade. (in CARDOSO, 2003)

Actualmente, a Internet é vista como WEB 2.0³, ou “Web social”, caracterizada por uma forte componente de interactividade, participação e partilha de informação. Para Tim O’Reilly (2005), é o tempo das multiplataformas, com a produção de conteúdos para várias plataformas e com a integração de conteúdos e de serviços.

³ Este termo resultou de uma conferência em 2004 com Tim O’Reilly e a MediaLive International.

Segundo este autor, novos, mais e melhores conteúdos são feitos através deste *new media*, a um ritmo mais rápido e a custo reduzido. É aquilo a que Tapscott e Williams (2007) chamaram de “wikinomia”, que possui quatro princípios básicos: “abertura, trabalho com os pares, partilha e acção global.”

Neste plano de interactividade, participação e partilha de informação, a Internet é para Soares (2003), “um depósito de dados onde vários participantes podem, se assim o quiserem, contribuir separadamente com informação, sendo essa a condição da sua existência e do seu desenvolvimento”.

Presentemente, estamos numa época multimédia caracterizada pela convergência de computadores, Internet e *media*, que estavam até há bem pouco tempo dispersas nos diferentes meios de comunicação. (CASTELLS, 2000; SLEVIN, 2002; BARRA, 2004; EMMOTT, 1995) No decorrer desta convergência, a Internet contribuiu para a transformação da organização espaço-temporal da vida social. (CARDOSO, 2003; SLEVIN, 2002) Todas estas mudanças ocorrem devido ao grande potencial deste meio e, segundo Slevin (2002), permite que “ (...) indivíduos e organizações interactuem com outros indivíduos e organizações distantes a uma escala sem precedentes, criando novos modos de exercer poder e novos modos de subscrever o uso legítimo desse poder.”

A esta óptica positiva da Internet opõe-se uma óptica mais negativa, que considera que este meio de comunicação vai conduzir ao afastamento dos indivíduos da sociedade, uma vez que estarão cada vez mais centrados em si e nas suas relações virtuais. Wolton é um dos críticos destes novos meios de comunicação, pois considera que a Internet está inserida nos “meios de comunicação individualizados e interactivos”, defendendo os meios de comunicação de massas em especial a Televisão, face a estes novos meios. Wolton acaba por relativizar o tema da “revolução da comunicação” proporcionada pelas inovações técnicas e pela consequente mudança dos modelos culturais e sociais, sustentando que as condições técnicas não serão nunca a condição de uma melhor comunicação humana ou social.

Wolton (1999) defende que a Internet não tem muito poder face ao poder onnipresente da Televisão, possuidora de um grande papel social e cultural na “sociedade individualista de massas”. Para este autor (2000), os novos meios de comunicação social baseiam-se numa lógica da procura, enquanto que os meios de comunicação “tradicionais” correspondem a uma lógica da oferta.

Porém, ao analisarmos as características da Internet verificamos que este meio possui uma grande interactividade e verificamos que daqui resulta, não só uma procura de informação, mas também uma oferta cada vez maior, derivada do crescimento exponencial de serviços online. Isto acontece porque a Internet tem, como referem Cardoso e Espanha (2006), “ (...) um papel crescente, ao ser simultaneamente um meio de comunicação de massas e um meio de comunicação interpessoal, constituindo-se como o elemento central no novo sistema dos *media*”.

Assim como a Televisão, a Internet tem sido objecto de vários estudos, por ser um meio cada vez mais presente na sociedade e na vida de cada um de nós, alicerçando a sua estrutura e rompendo com a tradição dos meios de comunicação. Contudo, e tal como mostra a história dos meios de comunicação, o que acontece não é a substituição mas sim a complementação dos meios. Assim, a Internet não pode ser entendida como uma concorrente da Televisão, mas sim um parceiro, verificando-se uma relação de complementaridade entre a Internet e os *media* “tradicionais”, em especial com a Televisão. Como vimos no primeiro capítulo, existem cada vez mais televisões a difundir pela Internet. Este novo meio acaba por fazer o prolongamento dos outros meios de comunicação sem prejudicar a sua existência.

Segundo Cardoso (2003), a Internet acaba por ser vista pela generalidade da opinião pública como um evoluir dos serviços de notícias e entretenimento prestados pela Televisão.

O que pode realmente acontecer sob influência da Internet, são alterações nas práticas comunicacionais e nas práticas de sociabilidade, e não a substituição dos *media* tradicionais, nomeadamente nas camadas mais jovens da população.

A Internet na óptica do utilizador (interactividade)

O desenvolvimento desta nova tecnologia da comunicação, informação e entretenimento levou a uma mudança estrutural da sociedade e por consequência na forma de interacção dos indivíduos. Nas palavras de Don Tapscott (1997), a Internet é um novo *media* “interactivo, maleável e com controlo distribuído.”

Para Serra (2006), a Internet é “a simbiose entre os meios de difusão *one-to-many* e *one way*, e os meios ditos de interacção, *one-to-one* e *two way*” o que a torna num meio com grande grau de interactividade.

À medida que a Internet foi evoluindo, a possibilidade de participação por parte dos utilizadores foi também aumentando. Assim, e segundo O'Reilly (2005), a era da Web 1.0 foi ultrapassada pela era que actualmente vigora, a era da Web 2.0, ou seja, a era na qual a participação dos utilizadores é vital para o seu funcionamento.

Segundo o mesmo autor, aquando da Web 1.0 os utilizadores eram somente consumidores, o que consequentemente implicava uma interactividade escassa. Hoje em dia, e para os autores Tapscott e Williams (2007), a Internet é altamente interactiva e apela à participação dos seus utilizadores. O utilizador mudou o seu estatuto e passou a ter mais importância, passou de simples consumidor ao que Tapscott e Williams (2007) chamaram de “prosumidor”, ou seja, consumidores e produtores, com uma forte participação na concepção, criação e fabrico de produtos/conteúdos.

Para Castells (2001), a cultura da Internet⁴ é composta pelas duplas produtores/utilizadores e consumidores/utilizadores. Os primeiros são aqueles cujo uso da Internet acaba por ter implicações directas no desenvolvimento do sistema tecnológico, ou seja, o que produzem faz desenvolver o sistema. Nos segundos, o seu uso da Internet não tem implicações directas mas acaba por ter um efeito abrangente na evolução do sistema, ou seja, ao utilizarem a Internet e consumirem o seu conteúdo, vão fazer com que o próprio sistema evolua.

Vivemos numa época de cultura de colaboração, pois segundo Emmott (1995), os consumidores são mais activos, já que não se limitam a tomar decisões numa compra e a entregar o seu dinheiro para um novo bem ou serviço. A sua actividade alarga-se particularmente ao uso que fazem dos *media* e das tecnologias de informação e serviços, dando-lhes um novo sentido e utilidade.

Os novos meios deram a oportunidade aos indivíduos de se apropriarem de informações, ao criarem, segundo Slevin, (2002) “ (...) maneiras de participarem de modo mais competente na formação da opinião e na tomada de decisões, que afectam as suas próprias vidas e a vida de outros indivíduos”.

⁴ Para Castells a cultura da internet é uma cultura dos criadores da internet, que segundo este autor é caracterizada por uma estrutura de quatro camadas, nomeadamente, cultura tecno-meritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial. É o conjunto destas quatro camadas que vão contribuir para uma ideologia de liberdade que é espalhada no mundo da internet.

As audiências sofreram uma transformação com os novos *media*. Para Ferreira (2005), as audiências destes *media* são cada vez mais activas, selectivas e autónomas nas suas escolhas.

Também Sádaba (2006), aborda a transformação do conceito tradicional de audiência e para além de falar dos “*prosumidores*” fala ainda dos “*viewers*”⁵, encarados como um misto do tradicional espectador de Televisão e o utilizador de computadores pessoais. Na óptica deste autor, aos “*viewers*” compete a decisão não só da programação de conteúdos mas também a alteração ou interacção com o próprio conteúdo.

Cada vez mais o utilizador gere, produz e escolhe os seus conteúdos, o que se tornou possível com o avanço da Internet enquanto meio de comunicação. A Internet é o meio de comunicação neste momento com um maior grau de interactividade e que, por isso, permite uma maior participação da população, ao passo que os outros meios de comunicação são mais fracos no que toca à interactividade e participação dos indivíduos nos seus conteúdos.

Todos estão interessados em utilizar a Internet ao inseri-la no seu quotidiano. Segundo Slevin (2002), os governos, por um lado, pretendem usar a Internet para mostrar aos cidadãos que têm uma política de abertura face aos problemas que possam surgir e que apelam à participação da população na resolução desses problemas. Por outro lado, as organizações comerciais usam a Internet de forma a revitalizar as suas comunicações internas e externas.

Tapscott e Williams (2007) defendem que, no caso particular das organizações, a Internet criou novos modelos de produção baseados em plataformas de participação e trabalho com os pares. Algumas organizações mudaram a sua política fechada de hierarquia vertical para uma mais aberta e baseada numa cultura de colaboração e partilha de informações através da rede. (TAPSCOTT E WILLIAMS, 2007, SLEVIN, 2002)

O conhecimento deixou de ser centralizado e adquiriu um perfil mais aberto, sendo fruto do que Tapscott e Williams (2007) intitularam de “novos alexandrinos” constituídos por “ (...) indivíduos, empresas e organizações que reconhecem o poder e a importância da abertura na economia actual.”

⁵ Termo que segundo o autor surgiu em 1999.

Para Slevin (2002), as comunidades virtuais têm aqui um papel importante, pois é através destas que se torna possível conhecer pessoas com interesses semelhantes para com elas interagir. É neste ambiente que, segundo Cardoso (2003), se proporciona a partilha de informações e de interesses comuns, e no qual os indivíduos acabam por criar culturas próprias.

Este lado mais interactivo e aberto da Internet, capaz de modificar as relações humanas e sociais, é motivador à participação dos mais jovens, que anseiam ter um papel de destaque na produção de conteúdos. (TAPSCOTT E WILLIAMS, 2007, WOLTON, 2000)

Capítulo 3 – Os Jovens e a Geração Net

O conceito de juventude

Segundo o Relatório Europeu da Juventude⁶ da Comissão das Comunidades Europeias, a juventude é definida como um “período de transição entre a infância e a fase adulta”.

Como qualquer outro grupo, também os jovens possuem uma cultura própria com atitudes e comportamentos psicossociais específicos. Várias são as teorias que estudam o aspecto psicossocial e cognitivo dos adolescentes, entre as quais a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson (1969), a Teoria de Chickering sobre o desenvolvimento pessoal e interpessoal, a Teoria Cognitiva de Jean Piaget e a Teoria do Julgamento Moral de Kohlberg (1981).

Para além destas teorias, os jovens são alvo de vários estudos em contextos sociais. Segundo Abrantes (2003), a Escola de Birmingham nos anos 70 defendia que os jovens tornaram-se “ (...) o símbolo do “novo mundo emergente”, da educação e do consumo, da massificação e do lazer, das tecnologias e da desmobilização de classes (...)”.

Para Pais (1993) as culturas juvenis são “culturas de lazer” na sua maioria, e a sua diversidade de formas de pensar, agir e sentir é o que melhor as caracteriza. A relação com os pares vai servir de base para a construção das suas identidades, que acabam por ser comuns/similares pois resultam da interacção que os jovens estabelecem com os outros elementos dentro de um grupo. (PAIS, 1993; CAMPOS 1990)

Segundo Cardoso e Espanha (2009), as novas gerações acabam por ser “socializadas num meio com mudanças no domínio da interactividade da comunicação” e acabam por conseguir manejar facilmente as novas tecnologias e os novos media, por estarem inseridos um ambiente com “um sistema múltiplo de produtores e distribuidores”.

Estes novos meios acabam por ser, de acordo com Abrantes (2003), “espaços privilegiados pelos jovens na construção das suas identidades e culturas (...) e parecem

⁶ Publicado em Abril de 2009, disponível em: http://www.se2009.eu/polopoly_fs/1.11386!menu/standard/file/European%20Youth%20Report%202009.pdf

instituir-se enquanto instrumentos centrais nas vivências e formas de comunicação dos jovens e permitem uma reconfiguração das relações com o espaço.”

Segundo o relatório mundial sobre Juventude (2005)⁷, os jovens estão à frente da revolução tecnológica pela sua forte capacidade de adaptação a mudanças na sociedade em todos os níveis, principalmente no que toca à evolução da sociedade do conhecimento e informação.

É neste contexto de interacção entre os jovens e a Internet que este grupo começa a ter várias denominações, entre as quais “Geração Net”.

A “Geração Net”

Nos últimos anos, a Internet tem vindo a ganhar terreno entre a camada mais jovem da população. Depressa surgiram diversas expressões para designar estes jovens, na sua maioria nascidos nos anos 90, e tão atraídos por estas tecnologias da comunicação – “Geração Net”, “Geração digital”⁸, “Geração electrónica” são algumas das expressões. (TAPSCOTT, 1997; CARDOSO e ESPANHA 2009)

Quando falamos de “Geração Net”, segundo Tapscott (1997), falamos de gerações compostas por jovens que utilizam a Internet no seu dia-a-dia, não só como meio de obtenção de informação mas também como meio de comunicação e entretenimento. Segundo Cardoso e Espanha (2009), é uma geração largamente socializada nas novas tecnologias e na qual a Internet exerce uma grande influência na sua maneira de comunicar ou estabelecer relações sociais.

Um dos principais autores do conceito “Geração Net” é Don Tapscott. Para este autor (1997), esta geração é composta por adolescentes e jovens que nasceram e cresceram numa sociedade marcada pelo predomínio das comunicações e pela emergência da economia digital, caracterizada por um novo media de comunicação – a Internet.

Segundo Tapscott (1997), esta geração é formada pelos que nasceram entre 1977 e 1997, período que o autor apelida de “Baby Boom Echo”, e vai despoletar uma grande transformação social. Esta geração opõe-se à geração “Baby Boom”, que é a “Geração

⁷ Disponível em: <http://www.un.org/esa/socdev/unyin/wyr05.htm>

⁸ Termo utilizado no relatório Europeu da Juventude de Abril de 2009 para designar os jovens que adoptam e proliferam o uso das novas tecnologias.

TV”. O confronto entre estas duas gerações resulta de um fosso cultural e ideológico entre elas, onde a geração mais jovem encara as novas tecnologias e tudo o que lhe é subjacente com algo natural, e têm uma maior facilidade em lidar com estas tecnologias. É uma geração de utilizadores, mas também de produtores. Caracterizam-se por serem criadores activos de conteúdos para os meios de comunicação social e dão muita importância à interacção dos meios de comunicação.

Para este autor (1997), esta geração faz da Internet um instrumento do qual obtêm várias actividades, nomeadamente, “usam computadores para entretenimento, para aprender, para comunicar, para comprar e para investigar coisas que queiram comprar ou usufruir”.

Segundo Tapscott e Williams (2007), os jovens, ainda no processo de descoberta da sua identidade, são os que mais se interessam pelas novas tecnologias de informação e comunicação e a Internet, pela forte interacção e espírito de liberdade que a caracterizam, acaba por motivar este grupo mais jovem, que anseia participar activamente no seu processo de produção de conteúdos.

Para Wolton (2000) é o espírito de abertura que a Internet e as novas tecnologias de comunicação dão aos mais jovens, que faz com que este meio de comunicação seja tão popular e tenha tanto sucesso.

Estas gerações mais novas ficaram no meio das mudanças que se têm vindo a verificar na sociedade ao nível da interactividade da comunicação e da participação no processo de produção e distribuição da informação. Os jovens acabam por ser alvo de uma realidade mediática multi-variada, com várias possibilidades de escolha no que respeita à forma de comunicar e à obtenção de informação e entretenimento (CARDOSO e ESPANHA 2009; ROBERTS, FOEHR e RIDEOUT 2005). Para além disto, e por ser algo tão natural no seu dia-a-dia, segundo Cardoso e Espanha (2009), estes acabam por desenvolver novas competências ao nível da utilização destes meios de comunicação presentes na realidade mediática do quotidiano, abrangendo não só os “novos” *media*, mas também os *media* tradicionais”.

Os novos *media*, e particularmente a Internet, propiciaram aos seus utilizadores executar mais do que uma tarefa ao mesmo tempo. O “*multitasking*” ou o regime “*multitarefa*” tornou-se também uma das características mais marcantes dos jovens da “Geração Net” (FOEHR 2006, CARDOSO e ESPANHA 2009a). Segundo Foehr (2006), cada vez mais os jovens são vistos como verdadeiros especialistas em *multitasking*, promovido pelo uso regular dos computadores.

Contudo, e como refere Tapscott (1997), apesar do seu crescimento a Internet ainda não chegou a todos, existindo ainda um fosso entre os países ricos e pobres. O mesmo defendem os autores McKay, Thurlow e Zimmerman (2005), que referem que “o uso das novas tecnologias como a Internet/Web e o telefone móvel continua a ser privilégio de um pequeno número de jovens no mundo inteiro”.

Para além deste fosso, algumas pessoas não utilizam a Internet no seu dia-a-dia. Ponte e Cardoso (2008) identificam algumas razões para justificar esse fenómeno nomeadamente, a “falta de necessidade/utilidade desse meio, o alto custo do equipamento e do acesso, a falta de competências tecnológicas e problemas linguísticos”, podendo-se ainda acrescentar razões políticas, sociais e religiosas.

Os mesmos autores sugerem uma “integração digital” de forma a superar este fosso, que se torna visível na forma como os utilizadores interagem a nível pessoal e social com as novas tecnologias da informação e com o novo media.

Para Ponte e Cardoso (2008), os jovens acabam por ser importantes neste processo de integração digital pois lidam com os novos meios no seu dia-a-dia, tanto durante o período escolar como no período de lazer. Para além disto, é também notória uma tarefa educacional por parte dos jovens em relação a este meio, ou seja, pela facilidade de uso destas tecnologias que este grupo apresenta, acabam por ensinar os pais a lidarem com os novos media, ajudando-os a introduzi-los no seu dia-a-dia. (BARRA, 2004, TAPSCOTT, 1997)

Acabam por ser vistos, como ilustraram Ponte e Cardoso (2008), como “aqueles que lidam com os novos *media* a todo o tempo, muitas vezes proactivamente e produtivamente, criando e distribuindo novos conteúdos.”

Contudo, existe uma dualidade entre as oportunidades inerentes ao novo meio que os jovens podem usufruir e, por outro lado, os riscos. A comunicação, a participação e a aprendizagem são algumas das oportunidades que os jovens encontram na Internet. Quanto aos riscos podem prender-se com a exclusão e divisão digital, que estes podem ser alvo. (LIVINGSTONE, 2007; LIVINGSTONE E HELSPER, 2007; CARDOSO, 2007; TAPSCOTT, 1997)

Apesar dos riscos, os jovens usam a Internet e acabam por ajudar a criar mudanças na sociedade de informação. Segundo Cardoso e Espanha (2009), os jovens são encarados como agentes que podem contribuir para alterar a sociedade e os seus processos, e não apenas como simples sujeitos passivos.

“Geração Net” – entre o mundo televisivo e o mundo online

A Televisão e a Internet têm vindo a mostrar-se importantes agentes de socialização ao longo dos tempos.

A Televisão é considerada, segundo Fernandes (2001), “uma das principais fontes de construção da realidade social, mediante a difusão de modelos de comportamento, estilos de vida, hábitos de consumo, opiniões políticas, etc.”

Soares (2003) vê este meio “como o principal mediador social, um intermediário entre consumidores e produção cultural ou artística, entre o cidadão e as instituições públicas”, ao passo que a Internet é vista como “um enorme depósito de dados onde vários participantes podem, se assim o quiserem, contribuir separadamente com informação, sendo essa a condição da sua existência e desenvolvimento”.

A Internet entrou nas nossas vidas mais recentemente, mas rapidamente se tornou num importante meio de comunicação e de influência. Para Slevin (2002), este novo meio proporcionou aos indivíduos novas oportunidades de interagir e participar na formação de opinião e na tomada de decisões.

Tapscott (1997) diferencia os meios de comunicação tradicionais (como a Televisão rádio e imprensa) da Internet, dizendo que os primeiros são “hierárquicos, inflexíveis e centralizados” e o novo media “interactivo, maleável e com controlo distribuído”.

Por seu lado, Wolton (2000) argumenta que a Televisão permite aos indivíduos dialogar, no sentido de que é um instrumento de comunicação que lhes oferece a “possibilidade de participar individualmente numa actividade colectiva” e que a Internet isola os indivíduos. Contudo, este meio acaba por proporcionar aos seus utilizadores, em especial aos jovens, novas formas de comunicar, de aprender e de interagir além fronteiras ao passo que a Televisão, na opinião de Iglesias (1993), “reúne os membros da família mas não os *une*; isola-os, rouba-lhes a voz e a palavra, impede-os de falar”. Para além disto, e segundo Cardoso (2007), a Televisão tem vindo a perder o seu lugar central em termos subjectivos, pois hoje em dia é difundida por vários meios, entre os quais, a Internet.

A autonomia da Internet e das suas audiências acaba por ser oposta à Televisão, considerando Tapscott (1997) que a “Net é a antítese da Televisão” e assim, também o é a “Geração Net” em relação à “Geração TV”.

Segundo Damásio (2005a), as Tecnologias da Informação e Comunicação, nas quais se insere a Internet, possuem modelos bidireccionais de troca de conteúdos, em contraponto, os meios de comunicação de massas, como é o caso da Televisão, possuem uma lógica linear da transmissão da comunicação.

Segundo Lievrouw e Livingstone (2002), as novas tecnologias mediáticas permitem aos utilizadores modificar e redistribuir conteúdo a uma escala não possível aos meios de comunicação tradicionais.

Contudo e de acordo com o Relatório Mundial de Juventude de 2005, cada vez mais a distinção entre velhas e novas tecnologias, nomeadamente entre os “velhos” e “novos” media, vão desaparecer à medida que ambos são combinados em maneiras inovadoras para abranger um maior nível de audiência.

Nesta óptica, Damásio (2005) refere que “a evolução da tecnologia está directamente relacionada com a transformação das audiências”. Para o mesmo autor, a expansão deste conceito acaba por “integrar todos aqueles que, em qualquer momento no tempo, têm acesso e usam uma tecnologia, quer como receptores, quer como emissores de uma mensagem”.

As audiências estão a mudar, “estão a tornar-se utilizadores” segundo Livingstone (2003). As tecnologias da informação e comunicação levaram a novas maneiras de envolvimento com os *media* e acabaram por transformar as horas de lazer, ocupando grande parte desse tempo.

Estas novas audiências, para a mesma autora (2003), são cada vez mais activas, ou seja, são “selectivas, auto-dirigidas, produtoras assim como consumidoras de textos, e portanto plurais (múltiplas, diversas, fragmentadas) ”.

Para Livingstone (2004), a Televisão mudou os seus parâmetros com a convergência dos meios e a sua audiência acabou por ser mais fragmentada. Os *media* podem ser usados em qualquer lugar. (LIVINGSTONE 2004, HATMANN 2003) E a Internet é o meio que mais pode ganhar com essa mobilidade em termos de audiência. Os jovens, com o seu espírito inovador e ansioso por participar, podem levar a um aumento das audiências deste novo meio.

São os mais jovens os que mais utilizam a Internet. O seu quotidiano é composto pelas novas tecnologias da informação e comunicação e cada vez mais é desejada a sua interacção e participação. Para Tapscott e Williams (2007), os jovens são os “prosumidores” do momento. Com o seu espírito inovador ajudam a criar conteúdos novos e também ajudam a solucionar alguns problemas.

O estar “online” tornou-se um imperativo na vida dos jovens que utilizam a Internet, acabando os meios tradicionais por ser preteridos por eles. A Televisão passou para “ pano de fundo” (CARDOSO e ESPANHA, 2006; ID., 2009) A maneira de comunicar e de se relacionar com os outros mudou.

Segundo Abrantes (2006), os jovens acabam por encarar a Televisão algo de pouco interessante e criticam o seu carácter passivo, devido à ausência de interactividade e acabam por culpar este meio por “impor” ao público os seus programas.

Para além disto, e segundo Tapscott (1997), normalmente quem possui o comando são os pais que acabam por controlar o que os jovens vêem, tornando-os em observadores passivos. O mesmo autor (1997) defende que a Internet proporciona-lhes uma sensação de liberdade e de controlo – mudam de observadores passivos a utilizadores activos: “Perguntam, discutem, jogam, compram, criticam, investigam, fantasiam, procuram e informam”.

Pelas características apelativas que possui, a Internet vai ganhando mais terreno entre os jovens, que gostam da versatilidade e da abertura inerente a este meio. Contudo, torna-se importante tentar saber que tipo de expectativas, usos e consumos tem a “Geração Net” com este meio e também com a Televisão.

Capítulo IV - Internet e Geração Net – as entrevistas

Ao expandir a sua utilização, em especial entre as crianças e os jovens, a Internet tornou-se um dos principais alvos de estudo, muitos deles orientados para os riscos que este meio pode representar pela influência que exerce. Contudo, outros estudos foram efectuados com o intuito de perceber as atitudes e utilizações que os jovens fazem da Internet.

Em 2005, a Kaiser Family Foundation elaborou um estudo⁹ sobre a relação entre os jovens, com idades entre os 8 e os 18 anos, e os *media*. Neste estudo conclui-se que os jovens estão rodeados por um ambiente mediático muito forte devido ao tempo de utilização que dedicam aos *media*. Para além disto, conclui-se que cada vez mais os jovens possuem capacidades de multitarefa, ou seja, de executar várias tarefas em simultâneo o que leva também ao aumento da exposição mediática. A idade revelou-se um importante factor para uma elevada exposição aos *media*, concluindo-se que à medida que os jovens crescem, o tempo que dedicam à Televisão e aos jogos de consola é substituído pela utilização do computador e pelos dispositivos musicais (rádios portáteis, mp3).

Em Portugal foram também realizados alguns estudos sobre esta temática. Em 2008¹⁰, o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE) elaborou um relatório sobre os usos de *media* pelas crianças e jovens em Portugal. Aqui conclui-se que os jovens vivem rodeados de *media* e utilizam a Internet como meio para demonstrarem a sua autonomia e aprofundarem as suas relações sociais. Para além disto, também se conclui que os jovens têm vindo a adquirir novas competências nomeadamente no regime de multitarefa de *media* devido à forte “socialização no sistema mediático contemporâneo”.

Também em 2008 foi elaborado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social, o “Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social”¹¹, com o objectivo de estudar os públicos de *media* em Portugal, entre os quais os jovens portugueses. À

⁹ D. Roberts, U. Foehr, e V. Rideout (2005), *Generation M: Media in the Lives of 8-18 Year-olds* – Kaiser Family Foundation Study. Disponível em: <http://www.kff.org/entmedia/upload/Generation-M-Media-in-the-Lives-of-8-18-Year-olds-Report.pdf>

¹⁰ Gustavo CARDOSO e Rita ESPANHA (2009), *E-Generation 2008: Os Usos de Media pelas Crianças e Adolescentes em Portugal* - Research report. Disponível em: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr8.pdf>

¹¹ <http://www.erc.pt/index.php?op=conteudo&lang=pt&id=227&mainLevel=12>

semelhança de outros estudos conclui-se que a Internet tem uma forte presença na vida dos jovens, principalmente com idades entre os 15 e os 17 anos.

A Internet é um meio muito presente na vida dos jovens. Deste modo torna-se interessante tentar perceber quais as suas atitudes e expectativas perante este meio.

Modalidades de acesso e consumo de Internet da Geração Net

No presente estudo verificou-se que todos os jovens entrevistados acedem à Internet a partir de casa e que cerca de metade (8) acede também a partir de outros locais (escola ou casa de amigos), como é referido por um dos jovens: “*Costumo aceder em minha casa no meu quarto ou então em sítios que tenha rede, procuro Internet em casa dos meus amigos através de redes que não sejam fixas*”. (Entrevistado O, Anexo B, p. 51)

No que toca aos consumos de Internet, a maioria dos jovens entrevistados começaram a utilizar este meio com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos, sobretudo para a realização de trabalhos escolares por incentivo de familiares e professores, mas também como forma de entretenimento e de comunicação com os seus pares: “*Não me estou a recordar a primeira vez que tive contacto com a Internet, mas foi mais por causa da escola porque em certo momento os professores começaram a pedir trabalhos nos computadores, trabalhos de pesquisa*”. (Entrevistado S, Anexo B, p. 53)

Para além disto, verifica-se que os sites mais utilizados pelos jovens visam sobretudo a realização de trabalhos de âmbito escolar, sendo o *Google* o mais referido. Os jovens mostram também uma preocupação em manter uma rede social activa com o recurso a redes sociais online de forma a estabelecer e manter amizades. Verificou-se, assim, que todos os entrevistados participam em redes sociais online, sendo o *Hi5* e o *Messenger* as mais referidas. O entretenimento é também privilegiado nas escolhas dos jovens entrevistados com especial destaque para os jogos online e os vídeos do Youtube, como vídeos de música e séries televisivas.

Alguns dos jovens entrevistados mostraram um interesse específico no seu consumo de Internet, nomeadamente “ (...) *alguns sites com animações feitas em flash*” (Entrevistado D, Anexo B, p. 56) e “ (...) o “*deviantART*” *que é um género de site para pôr os nossos trabalhos artísticos e para as outras pessoas escreverem os seus comentários*”. (Entrevistado L, Anexo B, p. 56)

No que respeita à frequência do acesso, a maioria dos jovens entrevistados dedicam por dia à Internet entre 1 a 5 horas (11), sendo que 6 dos entrevistados dedicam 1 a 3 horas diárias e 5 dedicam à Internet entre 3 a 5 horas por dia. Quando se tenta perceber se este acesso tem sofrido um acréscimo ou decréscimo, 7 dos entrevistados referem que o acesso à Internet tem vindo a decrescer devido ao acréscimo de actividades *outdoor* e de outras actividades como a leitura ou a utilização do telemóvel:

“ (...) *agora tenho começado a ler mais livros e interessar-me mais por ler e não passar tanto tempo na Internet*”. (Entrevistado N, Anexo B, p. 59)

“*Tem vindo a diminuir agora, não preciso porque eu vou para a Internet para falar no Messenger com os meus amigos e por isso utilizo o telemóvel, não preciso estar muito tempo lá*”. (Entrevistado S, Anexo B, p. 60)

No entanto, para 5 dos entrevistados este acesso tem sofrido um acréscimo por ser uma ferramenta de auxílio para trabalhos da escola e por ser um meio que suscita interesse para estes jovens:

“*A aumentar, porque eu vou descobrindo cada vez mais coisas e cada vez interesse-me mais pelo que há na Internet e pronto vou descobrindo até que não conseguimos largar aquilo. É um vício*”. (Entrevistado J, Anexo B, p. 59)

Interferência da Rede nas redes de amizade e familiares

A maioria dos jovens (15) refere que a Internet não tem qualquer interferência nas redes familiar e de amizade, apresentando-se como um elemento de promoção de redes de relação com quem tem Internet, em especial com os amigos:

“*Não acho porque eu tenho estado na Internet de tempo a tempo e à noite vemos filmes e jantamos em família, não influencia de facto a minha relação com a minha família. Com os meus amigos também não, até melhora porque às vezes ficam coisas*

por combinar e na Net, no Messenger nós combinamos melhor". (Entrevistado O, Anexo B, p. 62)

Doze dos jovens entrevistados não vêem a Internet como causadora da alteração dos seus hábitos de consumo. No entanto, alguns são da opinião que a Internet fez com que deixassem essencialmente de fazer desporto, acabando também por afectar o estudo e o consumo de Televisão:

"Às vezes deixo de ver Televisão para ir à Internet, mas acho que isso não é uma actividade muito importante, porque ver Televisão não é nada de fundamental para mim". (Entrevistado M, Anexo B, p. 63)

Apesar da maioria dos jovens entrevistados não encarar a falta de acesso à Internet de forma negativa, referindo alternativas ao consumo de Internet, como a realização de outras actividades lúdicas, outros encaram esta situação de forma mais dramática:

"Morria!" (Entrevistado J, Anexo B, p. 64)

"Não sei, mas não ficava lá muito bem, não gostaria de facto, não sei o que faria". (Entrevistado O, Anexo B, p. 64)

"Arranjava qualquer acesso à Internet, teria de arranjar de qualquer forma, mas se não conseguisse, era uma experiência nova mas difícil". (Entrevistado R, Anexo B, p. 64)

Representações positivas e negativas sobre a Internet

A maioria dos jovens tem uma opinião positiva sobre a Internet (17) e vêem-na como um meio de obtenção de conhecimento e de entretenimento, onde se pode partilhar e obter informação de forma fácil e ainda como um meio privilegiado para a comunicação interpessoal.

O entrevistado A descreve a Internet de forma peculiar dizendo que: *"É como se fosse uma nuvem onde se pode ir buscar tudo o que se pode imaginar através do computador"*. (Anexo B, p. 65)

Outros jovens definem a Internet como: *"um portal onde podemos ir a todo o lado, aceder a toda a informação que quer"* (Entrevistado Q, Anexo B, p. 66) e, ainda,

como um sítio que: *“Tem tudo, pode-se descobrir tudo, é infinita e é divertida”*. (Entrevistado R, Anexo B, p. 66)

Quando inquiridos sobre as consequências positivas e negativas da Internet os jovens referem, na sua maioria, que a Internet causa dependência e pode ser viciante, e que consequentemente, a realização de outras actividades como estudar ou sair pode ficar remetida para segundo plano. Mostram-se ainda preocupados com a substituição de relações sociais face-a-face pelas relações mediadas por computador.

Quanto às vantagens de usar a Internet, os jovens entrevistados referem na sua maioria o apoio que esta confere no âmbito académico, pelo facilitado acesso à informação, assim como a facilidade que confere para o estabelecimento e reforço das redes de amizade. É neste âmbito que metade dos jovens (9) referem que a Internet mudou a forma de comunicarem/relacionarem com os outros, ajudando a manter as relações de amizade mais activas, mostrando-se ainda eficaz na melhoria do vocabulário tanto na língua materna como na língua inglesa.

No que toca a estas questões, o entrevistado O refere que: *“No meu caso eu não sou viciada mas há muitas pessoas que eu conheço que realmente deixam de fazer coisas para estar na Internet passam demasiadas horas e podem até ferir a visão, mas aspectos positivos até acho que há bastantes (...) Fazer trabalhos, saber informações sobre várias coisas, eu sou curiosa muito curiosa, vejo muitas pinturas na Internet, já que a minha área é de artes e jogo jogos de cálculo mental, para estimular também um bocado, gosto bastante”*. (Anexo B, p. 68)

Já para o entrevistado Q, a Internet *“Dá-nos mais autonomia, somos mais livres, não precisamos tanto pedir aos pais para se receber informação, temos sempre a Internet disponível, mas também perdemos muito tempo com ela”*. (Anexo B, p. 68)

A maioria destes jovens não reconhece uma mudança na forma de comunicar com os outros, seja pela criação de uma nova linguagem com símbolos próprios, seja pela partilha de conhecimento, que acaba por criar um vínculo social entre os pares.

Citando o entrevistado J, *“ (...) foi uma maneira de começar a falar de outra maneira com certas pessoas. Quando ao princípio a pessoa não tem aquele à vontade, não consegue dizer aquilo na cara vai começando a dizer pela Internet e depois começa a ficar com uma maneira de ser mais aberta”*. (Anexo B, p. 69)

A Internet para 17 destes jovens contribui positivamente para a sua aprendizagem ao nível da concretização facilitada de trabalhos escolares, pela facilidade de procura e acesso a informações, sendo visto por alguns como um meio para o seu enriquecimento cultural. Este é o caso do entrevistado N, que refere que a Internet facilitou a sua aprendizagem da língua inglesa e também as actividades de âmbito cultural: “ (...) *comecei a aprender inglês com 5 anos e a minha tia ia logo pesquisar as coisas para me dizer o que eram as palavras, também a ver pinturas, gosto muito de pintura, para ver covers de bateria ou de piano que vou aprender agora e também para aprender algumas coisas em japonês, pequenas palavras*”. (Anexo B, p. 72)

Contudo, e segundo o entrevistado B este facilitismo nem sempre é positivo: “*Por exemplo, na escola muitas vezes os professores não dão a matéria e mandam-nos ir à Internet buscar a matéria. Isso é um dos aspectos que aprendemos na Internet. É mau, é muito mau, porque daqui a bocado toda a gente funciona à volta da Internet. Já não há professores, já não há escola, põe-se à frente de cada um o computador e dá-se assim as coisas*”. (Anexo B, p. 71)

Os Jovens e o Futuro da Internet

Quando questionados acerca do futuro da Internet e da possibilidade de surgir uma tecnologia mais interessante do que a Internet, a maioria dos jovens (9) não acreditam nesta hipótese pois vêem-na como um meio insuperável pelas características que apresenta ao nível do acesso à informação.

“*Eu acho que a Internet pode evoluir mas, sendo a Internet o que é e ligando o mundo inteiro, acho que não pode haver nada que supere. (...) É uma maneira prática de aceder ao mundo inteiro sem termos de nos levantar da cadeira*”. (Entrevistado D, Anexo B, p. 73)

Contudo, o entrevistado H demonstra uma opinião mais favorável à mudança da Internet: “*É possível, acho que sim, não sei bem o quê mas tenho quase a certeza que sim. Porque eu acho que cada vez vai aparecendo mais coisas. Porquê a Internet também não mudar? Não vejo razão para ficar só pela Internet*”. (Anexo B, p. 73)

A maioria dos jovens (17) encara ser possível a existência de mais utilizações da Internet no futuro, mas têm uma certa dificuldade em especificar quais pois vêem a Internet como um meio completo ou com pouco a melhorar. Contudo, alguns jovens acreditam que a Internet necessita de alguns aperfeiçoamentos na informação que oferece: “ (...) *até agora há algumas coisas que eu queria ter encontrado na Internet e não tenho conseguido, por exemplo, as calculadoras, eu tinha uma calculadora gráfica que se avariou e o que é que eu me lembrei, «vou à Internet procurar ver se há algum programa!», encontrei vários mas não era bem aquilo que eu queria por isso eu acho que ainda há alguns saltos que se podem fazer. Para melhorar basicamente, por exemplo há informações que não estão correctas, acho que se deveria melhorar esses aspectos porque há informações falsas*”. (Entrevistado O, Anexo B, p. 75)

Apesar de apontarem alguns aperfeiçoamentos, todos os entrevistados acreditam na evolução da Internet. O entrevistado N aponta a questão geracional como um factor determinante para a utilização deste meio: “*É capaz de evoluir porque a nossa geração agora está habituada a computadores e com as gerações vindouras poderão vir a utilizar também porque todos nós agora sabemos utilizar os computadores e a Internet e vamos transmitir isso aos que virão de seguida*”. (Anexo B, p. 77)

CAPÍTULO V - Televisão e Geração Net – as entrevistas

À semelhança da Internet, também a Televisão tem sido objecto de vários estudos nomeadamente quanto aos riscos de manipulação das crianças e jovens mas também quanto às utilizações que estes fazem deste meio de comunicação.

No que toca à relação estabelecida entre os jovens e a Televisão, o já referido estudo elaborado em 2008, pelo CIES-ISCTE, concluiu que os jovens têm uma relação diferente com este media do que as gerações anteriores. A Televisão vê, assim, a sua importância reduzida, passando para “pano de fundo”, devido à emergência dos novos media no quotidiano dos jovens.

O mesmo é referido pelo estudo¹² da ERC, no qual se conclui que os jovens dão mais importância à Internet em detrimento da Televisão, colocando-a em segundo plano. Para além disto, o visionamento da Televisão é uma actividade que faz parte do regime multitarefa de *media*.

Preferências – Televisão vs. Internet

Nos seus tempos livres a maioria dos jovens (9) prefere utilizar a Internet em vez da Televisão, devido principalmente à autonomia, liberdade e diversidade de informações que a primeira confere aos seus utilizadores. Esta autonomia advém da capacidade de escolha dos seus utilizadores: *“Eu acho que a Internet permite-nos ser um bocado mais selectivos, nós procuramos o que queremos e obtemos, e na Televisão, estamos um bocado sujeitos ao que nos dão para ver”*. (Anexo B, Entrevistado D, p. 78)

Para além disto, o entrevistado A demonstra uma capacidade de trabalhar em regime de multitarefa proporcionado pela portabilidade do computador: *“Nos meus tempos livres às vezes até consigo fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Levo o computador perto da TV e enquanto estou na Net vou vendo Televisão”*. (Anexo B, p. 78)

¹² Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social

Estas características, aliadas à rapidez de acesso da Internet, à falta de variedade da programação televisiva e à rigidez de horário do mesmo meio, fazem com que 14 dos jovens entrevistados prefira visionar na Internet os conteúdos televisivos de entretenimento e informação (séries, filmes, videoclips musicais, desporto e noticiários): “ (...) a Internet tem uma vantagem que é na maioria dos casos não ter que ver a um horário certo ou assim, eu posso ir lá e ver quando me apetecer. Eu tiro imensas séries de “anime”, que é desenhos animados japoneses e eu tiro da Internet e vejo os episódios assim, horas seguidas”. (Anexo B, Entrevistado D, p. 80)

“ (...) Na Internet tenho mais escolha. Eu antes via muita Televisão, agora passei a ver menos e a estar mais tempo na Internet. Foi troca por troca. A Televisão agora é sempre a mesma coisa. Os programas são todos iguais e na Internet há sempre alguma coisa nova e é isso que eu prefiro”. (Anexo B, Entrevistado J, p. 80)

Tipos de consumo

A maioria dos jovens entrevistados (14) vê Televisão menos de 3 horas diárias. A exposição destes jovens à Televisão tem vindo a decrescer devido por um lado, à perda de interesse nos conteúdos televisivos com horários limitadores a par da crescente utilização do acesso à Internet e, por outro lado, ao aumento de actividades fora do lar, principalmente no que toca à rede de amizades: “Tem sido precisamente pelo facto de eu agora estar menos tempo em casa e depois como estou menos tempo em casa quando vou para casa tenho de estar com os meus pais e por isso não me vou agarrar à Televisão como é óbvio”. (Anexo B, Entrevistado H, p. 83)

“ (...) se calhar já não dão programas de qualidade e de jeito que davam antigamente e porque a Internet é mais divertido e ir para a rua com os amigos também, tira o entusiasmo da Televisão”. (Anexo B, Entrevistado I, p. 83)

Para além disto, um dos jovens entrevistados refere que o seu consumo de Televisão está ligado à ausência de outra actividade alternativa: “ (...) costumo fazer zapping para ver se está a dar alguma coisa, mas normalmente não está a dar nada e acabo por não ver Televisão”. (Anexo B, Entrevistado S, p. 84)

No entanto, o entrevistado G contraria a tendência ao dedicar mais tempo à Televisão devido à diversidade da escolha de conteúdos proporcionada pelo aumento do

número de canais disponíveis: *“Para já por ter mais canais, que não tinha antes e por darem mais séries que não davam antes”*. (Anexo B, p. 83)

Verificou-se também que a Televisão pode proporcionar o aumento da interacção dos jovens com a rede familiar, ajudando a estreitar os laços familiares.

“Sim sempre, e acho que é muito bom, então com os meus pais é fantástico! Tudo o que é programas em directo dá para rir e assim, porque eles estão sempre a dizer piadas sobre o que eles estão ou não a fazer”. (Anexo B, Entrevistado H, p. 85)

“Sim. Séries e filmes e às vezes telejornais, assim essas coisas. Porque além de não ter muita piada de ver Televisão sozinha, dá sempre para comentar e fazermos observações e ver o que é que um pensa, o que é que o outro não pensa”. (Anexo B, Entrevistado M, p. 86)

“Costumo, aliás à noite é o que eu faço com a minha família, vejo Televisão, comentamos as coisas, rimo-nos um bocado. Às vezes quando a minha irmã e a minha mãe já estão a dormir vejo com o meu pai filmes de terror”. (Anexo B, Entrevistado O, p. 86)

Na sua maioria, os hábitos de consumo destes jovens não se alteraram com a exposição à Televisão e referem que não sentem necessidade de o fazer pois vêm na Internet um recurso para obtenção de informação. Contudo, alguns jovens referem que no passado chegaram a alterar algumas rotinas por causa de um programa de Televisão: *“Já aconteceu sim, sem dúvida. Há uns anos sim, agora já não, mas antes sim. Por exemplo, saía da escola a correr para ver o “Big Brother”, mesmo o primeiro, eu saía mesmo a correr para conseguir ver ainda o início”*. (Anexo B, Entrevistado G, p. 87)

“Já aconteceu. Agora acho ridículo. No início dos “Morangos” no verão toda a gente ia para a praia, e eu às seis e tal da tarde estava em casa a ver “Morangos com Açúcar”. Agora já não”. (Anexo B, Entrevistado H, p. 87)

“Isso acho que já aconteceu, quando era pequena então costuma ver bastante Televisão. Uma vez até fiquei parada em frente à Televisão, a minha avó foi andando sem mim para a escola e eu fiquei a ver Televisão então corri a casa toda, não a encontrei, quase que a apanhei a meio do caminho e a minha avó também já um bocado aflita à minha procura. Acho que a Televisão naquele momento não foi a decisão melhor a fazer”. (Anexo B, Entrevistado O, p. 87/88)

Os jovens preferem ver programas de entretenimento, como séries e filmes, mas também assistem a programas de informação. (Anexo B, p. 89)

Um Olhar Sobre a Televisão - Representações positivas e negativas

As opiniões sobre a Televisão acabam por se bipolarizar. Por um lado, alguns jovens vêem a Televisão de forma positiva (9) e referem que este meio de comunicação acaba por ter um papel de companhia para quem está sozinho, para além de ser cómodo por permitir obter informação rapidamente sem o recurso à imprensa escrita: *“A Televisão é entretenimento para muitas pessoas, é bom para as pessoas que estão sozinhas, e pronto é uma companhia digamos assim, é negativo esse ponto mas também é positivo, é meio-meio. Também é formativo por causa do telejornal e vários programas que dão também para as crianças, que também são informativos para elas. E também aprende-se muito na Televisão, principalmente para as crianças”*. (Anexo B, Entrevistado B, p. 90)

“É essencial, hoje em dia acho que as pessoas não podem viver sem Televisão. Porque as pessoas não têm paciência para estar sempre a comprar jornais, ou preferem sentar-se no sofá e ver Televisão”. (Anexo B, Entrevistado C, p. 90)

Por outro lado, outros jovens (7) têm uma opinião negativa face à Televisão, pois para além de a verem como um instrumento de manipulação, consideram que este meio foi secundarizado pela Internet, muito devido à programação televisiva que desagrada a estes jovens: *“Eu acho que a Televisão faz com que as pessoas fiquem com certas coisas na cabeça que não são reais, porque as pessoas são muito influenciáveis e quando olham para certas coisas ficam logo a imaginar que a vida delas vai ser assim mesmo nos programas, em séries, até mesmo no telejornal, tudo e isso faz com que muitas pessoas fiquem “malucas” e façam coisas impróprias na vida”*. (Anexo B, Entrevistado J, p. 90)

“A Televisão veio a evoluir bastante, mas também já foi um bocado trocada pela Internet, porque na Internet pode-se ver Televisão e temos acesso a tudo. Agora acho que a Televisão evoluiu, acho que neste momento já não pode evoluir mais do que o que está actualmente”. (Anexo B, Entrevistado P, p. 91)

Quanto à possibilidade de influência nas relações interpessoais, apesar de a maioria referir que a Televisão não tem qualquer influência, alguns consideram que determinados programas acabam por consciencializar e ser educativos: *“Sim, depende de alguns programas, alguns que nos fazem ter um bocadinho mais de consciência sobre aquilo que devemos ou não fazer. Por exemplo se vemos nalgum programa uma pessoa a tomar uma atitude errada e depois inconscientemente fica na nossa cabeça que aquilo não se deve fazer se não queremos sofrer tais consequências”*. (Anexo B, Entrevistado M, p. 92)

“Depende do programa, mas sim certos programas de boa qualidade consciencializam-nos e tornam-nos mais pessoa, ou seja, fazem-nos ver as coisas de outra maneira e penso que desse modo influencia um bocado”. (Anexo B, Entrevistado S, p. 92/93)

A Televisão parece ter um contributo positivo na vida destes jovens (10) ao nível do entretenimento, como forma de passar o tempo, e também ao nível da actualização da informação de forma mais aprofundada: *“Actualmente há bastantes programas que servem para entreter e quando não há que fazer acho que é uma boa maneira de passar o tempo. Acho que as pessoas com a minha idade não procuram muito a Televisão para aprenderem novas coisas mas sim para passar mais o tempo”*. (Anexo B, Entrevistado A, p. 93) Para os restantes, aspectos como a perda de importância da Televisão, a manipulação e a preferência pelo meio Internet são as razões alegadas para a falta de um contributo positivo da Televisão.

Alguns dos jovens entrevistados são descrentes no que toca a um contributo positivo deste meio. O entrevistado J refere que a Televisão pode manipular as pessoas, em especial os jovens: *“Faz muitas coisas na cabeça, as pessoas são muito influenciáveis e ao verem certos programas as pessoas passam para a vida delas e isso é mau. Com a minha idade então são muito influenciáveis principalmente os rapazes”*. (Anexo B, Entrevistado J, p. 94)

Outros dois jovens referem que a Televisão é um meio que foi ultrapassado nomeadamente pela Internet, em especial no grupo etário em que se inserem: *“Para os jovens a Televisão acho que não tem muito, pelo menos na minha idade, porque agora é tudo mais para a Internet, Internet, Internet, mas infelizmente acho que os jovens quando não estão na Internet estão a ver Televisão, por isso acho que o contributo não seja assim grande coisa”*. (Anexo B, Entrevistado M, p. 94)

“Nos jovens como eu é um bocadinho a geração Internet, portanto a partir do momento em que denominam como geração Internet a Televisão acaba por perder um bocadinho o impacto, é mais é para camadas mais jovens ou então gente mais idosa”. (Anexo B, Entrevistado R, p. 95)

Perspectivas sobre o futuro da Televisão

A maioria dos jovens (17) demonstra vontade em mudar a Televisão. A principal mudança referida é a extinção da publicidade, para além da criação de programas interactivos, de forma a tornar a Televisão mais atractiva: *“Provavelmente tirava a publicidade. Acho que a publicidade é apenas uma maneira de chatear as pessoas porque passam repetidamente. Creio que alguns programas mais chatos ou então criar um canal para jovens, que abordasse temas que os jovens gostam, sem publicidade, e onde pudessem entrar em programas em directo para entrar em conversas e temas que lhes agradem. No fundo onde pudessem passar o tempo de forma mais divertida”.* (Anexo B, Entrevistado A, p. 96)

Para além disto, um dos jovens aponta ainda como preocupante o impacto que a Televisão pode ter nas crianças, orientando a mudança deste meio para esta vertente: *“Mudaria alguns canais com séries bastante violentas (...) porque algumas podem apanhar o vício daquilo, por exemplo o “Wrestling”, as crianças vêem aquilo e têm a tendência a fazer as mesmas coisas que vêem”.* (Anexo B, Entrevistado N, p. 96/97)

O mesmo acontece quanto às expectativas de futuro que os jovens detêm face à Televisão, onde, para além de uma programação mais variada, interessante e com menos publicidade, esperam ainda encontrar programas mais interactivos e com maior possibilidade de escolha, à semelhança da Internet: *“Daqui a 10 anos a Televisão deve ser com programas à nossa escolha sem ser uma programação fixa onde possamos ver o que queremos quando queremos, um pouco como já acontece na Internet, onde podemos ver quando queremos”.* (Anexo B, Entrevistado A, p. 98)

Contudo, alguns jovens acreditam que a Televisão tenderá a perder relevância podendo ser substituída por outros meios, nomeadamente pela Internet: *“Já não vai ser tão importante, já vão fazer coisas mais importantes que a Televisão, porque estão*

sempre a inventar coisas novas e a Televisão agora é menos importante e no futuro ainda vai ser menos”. (Anexo B, Entrevistado I, p. 98)

“Daqui a dez anos para mim não haverá Televisão, haverá coisas melhores (...) Para já as pessoas estão cada vez a aderir mais à Internet do que à Televisão, precisamente por causa dos horários porque temos coisas que queremos ver.” (Anexo B, Entrevistado O, p. 98)

“Acho que já foi completamente ultrapassada daqui a dez anos, acho que vai haver outros meios para substituir a Televisão. Acho que nessa altura não vai ter tanta importância nem tanta utilidade”. (Anexo B, Entrevistado P, p. 99)

Conclusão

A Internet está cada vez mais enraizada no quotidiano dos jovens da denominada “Geração Net”¹³, por ser um meio através do qual aprendem a socializar e pelas potencialidades e características específicas que apresenta. Considerando a actual pesquisa, a Internet é o meio mais utilizado por este grupo de jovens entre 15 e 17 anos, que anseiam incrementar a sua participação na produção de conteúdos.

Conclui-se que o ambiente mediático dos jovens desta faixa etária é propício à utilização da Internet, devido ao acesso facilitado não só em casa mas também em meio escolar, sendo, neste último, fortemente incentivada a sua utilização. Assim, e por preferirem este meio, os jovens recorrem a sites que lhes garantam usufruir dessa liberdade de escolha e interactividade, e que lhes possibilite o estabelecimento das suas redes sociais, com a intenção de criar novas redes de amizade e manter a coesão das já existentes. Dão por isso mais relevância a redes sociais online ou ferramentas de comunicação pela internet, como é o caso do Messenger, mas também demonstraram um interesse por sites mais específicos, que lhes permita aprender e melhorar as suas competências.

Apesar deste meio ocupar grande parte do seu quotidiano, verificou-se que para alguns desses jovens o tempo despendido está a sofrer um decréscimo devido ao aumento de actividades *outdoor*. Os jovens começam a interessar-se por actividades que privilegiem as relações sociais com interacção cara-a-cara, utilizando a Internet como suporte para a manutenção e fortalecimento dessas relações. Neste âmbito, também a utilização do telemóvel surge para diminuir este acesso. Isto é, no caso específico destes jovens, existe uma grande preocupação com a organização de tempo livre, dividindo-o entre a rede de amizade e a rede familiar. O telemóvel acaba por demonstrar ser uma ferramenta comunicacional importante para a manutenção da rede de amizades, pelo seu carácter imediato. Os mesmos têm noção de que a Internet está a perder terreno no seu quotidiano quando fazem uma retrospectiva de utilização deste meio.

¹³ Consultar Don TAPSCOTT (1997), *Growing up digital: the rise of the Net generation*, New York, McGraw-Hill e Gustavo CARDOSO e Rita ESPANHA (2009a), “E-Generation 2008: Os Usos de Media pelas Crianças e Adolescentes em Portugal - Research report”. Disponível em: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr8.pdf>

No entanto, no que se refere ao âmbito escolar, este meio é objecto de preferência pelos jovens pela sua rapidez e facilidade no acesso à informação e pela autonomia que lhes é conferida.

Deste modo, observou-se que, segundo os entrevistados, a Internet interfere de forma positiva na vida dos jovens pois é perspectivada enquanto elemento de promoção de redes de relação, em especial redes de amizade, para além de ser encarada como um meio de obtenção e partilha facilitada de conhecimento. Alguns jovens admitem que a Internet tem influência na estruturação das suas personalidades, pois acreditam que este meio facilita a comunicação interpessoal. Contudo, alguns jovens manifestam preocupação com a dependência e facilitismo associados a este meio, mostrando uma especial preocupação no que toca ao papel dos professores no ensino, face ao recurso da Internet nas escolas, assim como com a substituição das relações sociais face-a-face pelas relações mediadas por computador.

Muitos são os que reconhecem a Internet como um meio insuperável do ponto de vista tecnológico e enquanto ferramenta social, sugerindo poucas alterações a empreender, excepto no que toca ao aperfeiçoamento ao nível da qualidade e fiabilidade da oferta de conteúdos online.

A evolução da Internet, apesar de entendido como um dado adquirido para a maioria dos jovens, é também vista como estando intrinsecamente ligada a uma questão geracional. Isto é, à medida que os jovens actualmente vão incrementando a utilização da Internet, vão passando esse legado às gerações posteriores. Esta transmissão de saber é veiculada cada vez mais prematuramente, não só no meio escolar, mas também no seio familiar.

No que toca à manifestação das preferências destes jovens, conclui-se pela priorização da Internet face à Televisão, devido à autonomia e versatilidade que este meio mais interactivo lhes proporciona, patente na possibilidade de escolha dos conteúdos do seu interesse. Aliando estas características à possibilidade de portabilidade deste meio, os jovens mostram uma tendência para o regime multitarefa, ou seja, ao mesmo tempo que estão na Internet estão ao mesmo tempo a visionar a Televisão. Em termos gerais, verificou-se que os jovens são muito críticos em relação aos conteúdos e à qualidade da Televisão, principalmente pela sua falta de variedade de programação televisiva e rigidez de horário, acabando por valorizar a Internet e por optar pelo visionamento de conteúdos televisivos de entretenimento e informação neste meio.

Para além disto, os mesmos fazem a distinção entre os dois meios afirmando que Internet é um óptimo instrumento para a manutenção das redes de amizade, enquanto a Televisão ajuda estreitar as relações familiares pela partilha de experiências que alguns conteúdos televisivos promovem, nomeadamente filmes, séries televisivas e concursos.

Observou-se ainda, tal como acontece no caso da Internet, que o consumo televisivo decresce com o aumento das actividades *outdoor*. Entre os próprios jovens, a maior autonomia pessoal e a maior independência face à regulação parental, facultando as saídas nos tempos livres, parece ter uma relação directa com o tempo dispendido com estes *media*. Em outras palavras, os jovens com mais idade despendem menos tempo que os mais novos à Internet e à televisão pois, estes últimos, realizarão tendencialmente menos actividades *outdoor*. O consumo televisivo está directamente ligado, neste estudo, com a ausência de actividades alternativas, sendo considerada um plano de apoio nas horas “vazias”. Contudo, e para contrariar esta tendência, o aumento de canais temáticos ligados ao entretenimento, impulsiona, nalguns jovens, o aumento de horas de visionamento de Televisão.

Para além disto, reitera-se que os jovens da “Geração Net” já não vêem alterada a sua rotina diária pelo uso de Televisão, tendo também sido afirmado que esta influência do uso dos *media* no seu quotidiano verifica-se em idades mais tenras, como a infância ou o início da adolescência.

A “Geração Net” poderá estar, assim, a sofrer uma alteração em termos etários, posto que o primeiro contacto com a Internet é feito cada vez mais cedo, não só por intermédio escolar como familiar. Cada vez mais, as crianças têm acesso precoce à Internet e lidam rotineiramente com ela, acabando por se tornarem utilizadores hábeis e frequentes. Já os jovens da “Geração Net”, em particular no fim da adolescência, começam a revelar outros interesses que se prendem com as interacções com o mundo real enfraquecendo a sua relação com o mundo virtual, pelo menos no plano lúdico.

Torna-se também importante referir que os jovens entrevistados atribuem à Televisão um papel de companhia para quem está sozinho, sendo considerado como preferencial de crianças e idosos por ser cómodo, de fácil utilização e onde se pode obter informação rapidamente.

Verificou-se ainda que estes jovens encaram a Televisão como um instrumento que estagnou e, conseqüentemente, foi secundarizado pela Internet. Contudo, no que toca à influência da Televisão, os mesmos acreditam que esta pode ser educativa e consciencializadora, mas também manipuladora, principalmente para o público mais

jovem. É neste sentido que perspectivam o futuro da Televisão, ao mostrarem preocupação com a criação de programação que proteja as crianças, para além do desenvolvimento de conteúdos interactivos e extinção de publicidade, proporcionando deste modo um meio mais atractivo e interactivo, à semelhança do que acontece com a Internet.

Apesar de caracterizarem a Televisão como um meio de actualização da informação de forma mais aprofundada, revelam cepticismo em relação à evolução da Televisão pois acreditam que esta tenderá a ser progressivamente substituída pela Internet.

É de referir que este trabalho, sendo de cariz exploratório, tem algumas limitações que não permitem generalizar os resultados obtidos. Contudo, é de salientar que estas limitações se prendem não apenas com o tempo para a realização da pesquisa e com a escassez de recursos humanos e financeiros, mas também com constrangimentos relacionados com a estrutura de tese definida no âmbito do mestrado. Assim, compreende-se que o mesmo estudo deveria ser aprofundado através da combinação de diferentes ferramentas metodológicas, designadamente da pesquisa qualitativa com a pesquisa quantitativa.

No que toca ao contributo para investigações futuras, este poderá vir a servir de base ou complemento para a abordagem de objectos afins e ainda deixar como marca fundamental, a ideia de que urge pensar sobre o envolvimento/participação dos jovens desta geração na produção e recepção de conteúdos para a Internet e, mais ainda sobre o modo como a televisão poderá recuperar esta franja de público, repensando estratégias de fidelização das audiências mais coniventes com as expectativas destes públicos. Com efeito, cabe aos decisores e profissionais de televisão, procurarem conhecer de modo aprofundado, as necessidades de consumo mediático deste grupo alvo das audiências televisivas, solicitando à indústria de produção de conteúdos um maior esforço, empenho e inovação, nos produtos dirigidos a esta faixa etária. Por outro lado, incentivar estratégias mais interactivas de distribuição e acesso a esses mesmos conteúdos (“à lá carte”), indo de encontro à necessidade de escolha autónoma de produtos em momentos determinados não pelo emissor mas sim pelo receptor.

Uma outra abordagem interessante a realizar poderá ser compreender de que forma é que os esforços de complementação destes dois meios, televisivo com a internet, empreendidos tecnologicamente e pelos decisores políticos e económicos, podem ou não conduzir a uma alteração do perfil da denominada “Geração Net”,

provocando um renascimento da “Geração TV” ou, mais provavelmente, ao surgimento de novas denominações decorrentes da interpenetração multimédia.

Por último, também parece interessante empreender esforços no âmbito da investigação em torno dos modos e modelos de inclusão digital das pessoas da geração anterior, denominada “Geração TV”, e sobre o papel das redes sociais neste processo, com o intuito de perceber as consequências que a utilização conjunta das ferramentas comunicacionais produzirá na alteração das relações inter-geracionais.

Referências Bibliográficas

- ABRANTES, José Carlos - *Ecrãs em mudança: dos jovens na Internet ao provedor da Televisão*, Lisboa, Livros do Horizonte, 2006
- ABRANTES, Pedro - *Os Sentidos da Escola*. Oeiras, Celta, 2003
- AEISCSP - *História dos Meios de Comunicação Social*, Universidade Técnica de Lisboa, 2000
- AGNOLA, Michel e LE CHAMPION, Rémy - *La télévision sur l'Internet*, Paris, PUF, 2003
- ALBERT, Pierre e TUDESQ, André-Jean - *História da rádio e Televisão*, Lisboa, Notícias, 1981
- BARKER, Chris - *Global television: an introduction*, Oxford, Blackwell, 1997
- BARRA, Marlene - *Infância e Internet – Interações na Rede*, Azeitão, Autonomia 27, 2004
- BOURDIEU, Pierre - *Sobre a Televisão*, Oeiras, Celta Editora, 1997
- BORN, Georgina - *Strategy, Positing and Projection in Digital Television*, Media, Culture & Society, vol. 25, 2003
- CAMPOS, Bartolo Paiva - *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens*, Lisboa, Universidade Aberta, 1990
- CARDOSO, Gustavo e ESPANHA, Rita - *Comunicação e jornalismo na era da informação*, Porto, Campo das Letras, 2006
- CARDOSO, Gustavo - *Internet*, Lisboa, Quimera, 2003
- CASTELLS, Manuel - *The Internet Galaxy: Reflections on the Internet, Business and Society*, New York, OXFORD, 2001
- DUFOUR, Arnaud - *A Internet*, Mem Martins, Europa-América, 1997
- EMMOTT, Stephen J. - *Information superhighways: multimedia users and futures*, London, Academic Press, 1995
- FERNANDES, Ana Paula Menezes - *Televisão do público: um estudo sobre a realidade portuguesa: 1993-1997*, Coimbra, Minerva, 2001
- FERREIRA, António Miguel - *Dicionet: dicionário da Internet, telecomunicações e TV interactiva*, Lisboa, FCA-Editora de Informática, 2002

- GHIGLIONE, Rodolphe e MATALON, Benjamin - *O inquérito: teoria e prática*, Oeiras, Celta, 1993
- IGLESIAS, Francisco - *A Televisão Dominada*, Lisboa, Diel, 1993
- MCLUHAN, Marshall - *Understanding media: the extensions of man*, London, Routledge, 2001
- MCQUAIL, Denis - “Mass communication theory: an introduction”, London, Sage, 1994, in PINTO, Manuel - *A Televisão no Quotidiano das Crianças*, Porto, Afrontamento, 2000
- PAIS, José Machado - *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993
- PAPATHANASSOPOULOS, Stylanos - *European Television in the Digital Age*, Cambridge, Polity Press, 2002
- PINTO, Manuel - *A Televisão no Quotidiano das Crianças*, Porto, Afrontamento, 2000
- POSTER, Mark - *A segunda era dos média*, Oeiras, Celta, 2000
- POSTMAN, Neil - *Amusing ourselves to death: public discourse in the age of show business*, London, Methuen, 1987
- QUIVY, Raymond e Campenhoudt Luc Van - *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva, 2005
- SÁDABA, C., “Digital Interactive Television: New Audiences For An Old Medium?” in COLOMBO, F. e VITTADINI, N., *Digitising TV: theoretical issues and comparative studies across Europe*. Milano, Vita e Pensiero, 2006
- SILVA, Libório Manuel e REMOALDO, Pedro - *Introdução à Internet*, Lisboa, Presença, 1997
- SLEVIN, James - *Internet e Sociedade*, Lisboa, Temas e Debates, 2002
- SOARES, Tânia - *Cibermedi@: os meios de comunicação social portugueses online*, Lisboa, Escolar Editora, 2003
- SOARES, Tânia - *SIC Versus SIC - A Representação Social de uma «Realidade» Televisiva* – (Tese de Licenciatura, policopiado), 1996
- TAPSCOTT, Don - *Growing up digital: the rise of the Net generation*, New York, McGraw-Hill, 1997
- TAPSCOTT, D. e WILLIAMS, A. - *Wikinomics*, Lisboa, QuidNovi, 2007
- TEVES, Vasco Hogan - *História da Televisão em Portugal*, Lisboa, TV Guia, 1998

WOLF, Mauro - *Teorias da comunicação*, Lisboa, Presença, 1999

WOLTON, Dominique - *E depois da Internet? - Para uma teoria crítica dos novos médias*, Algés, Difel, 2000

WOLTON, Dominique - *Pensar a Comunicação*, Miraflores, DIFEL, 1999

Referências electrónicas

ANACOM, *Televisão Digital* [online], s.d.. [Acedido em 28-05-2008] Disponível em: <<http://www.anacom.pt/template2.jsp?categoryId=7>>

ANACOM, *Televisão Digital* [online], 2008. [Acedido em 28-05-2008] Disponível em: <<http://www.anacom.pt/template12.jsp?categoryId=130940>>

CÁDIMA, Rui - *Televisão: das origens ao multimédia e à interactividade* [online], 1995 [Acedido em 28-04-2009]. Formato PDF. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/cadeiras/httv/artigos/Televisao_das%20origens.pdf>

CARDOSO, Gustavo (coord) - *E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal* [online], Lisboa, CIES/ISCTE – Centro de Investigação e Estudos em Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2007 [Acedido em 25-01-2009]. Formato PDF. Disponível em: <<http://cies.iscte.pt/destaques/documents/E-Generation.pdf>>

CARDOSO, Gustavo e ESPANHA, Rita - *E-Generation 2008: Os Usos de Media pelas Crianças e Adolescentes em Portugal - Research report* [online], Obercom, 2009a [Acedido em 15-08-2009]. Formato PDF. Disponível em: <<http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr8.pdf>>

CARDOSO, Gustavo e ESPANHA, Rita - *A Sociedade em Rede em Portugal 2008: Multitasking e Preferências de Media na Sociedade em Rede* [online], Obercom, 2009b [Acedido em 15-08-2009]. Formato PDF. Disponível em: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=548&fileName=fr2_sr_2008.pdf>

DAMÁSIO, Manuel José - *Estratégias de uso e consumo dos novos media: audiências fragmentadas e novas audiências* [online], Livro de Actas - IV SOPCOM, 2005 [Acedido em 15-08-2009]. Formato PDF. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/damasio-manuel-estrategias-uso-consumo-novos-media.pdf>>

DAMÁSIO, Manuel José - *Modelos de Personalização de conteúdos em Audiovisual: novas formas de aceder a velhos conteúdos* [online], Livro de actas - III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume I, 2005 [Acedido em 15-08-2009]. Formato PDF. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/damasio-manuel-jose-modelos-personalizacao-conteudos-audiovisual-novas-formas-aceder-velhos-conteudos.pdf>>

- DHANIS, M. - *O ABC da TDT* [online], IOL Diário, 2008 [Acedido em 28-05-2008]. Disponível em: <<http://diario.iol.pt/economia/portugal-europa-tdt-media-televisao/944273-4058.html>>
- DHANIS, M. - *Conheça as vantagens da TDT e em que pé está Portugal* [online], IOL Diário, 2008 [Acedido em 28-05-2008]. Disponível em: <<http://diario.iol.pt/economia/portugal-europa-tdt-media-televisao/944274-1730.html>>
- FERREIRA, Paulo - *Alvo em movimento Novos media e audiências* [online], Livro de Actas - IV SOPCOM, 2005 [Acedido em 27-08-2009]. Formato PDF. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ferreira-paulo-alvo-movimento-novos-media-audiencias.pdf>>
- FOEHR, Ulla G. - *Media Multitasking Among American Youth: Prevalence, Predictors and Pairings* [online], The Henry J. Kaiser Family Foundation, 2006 [Acedido em 26-08-2009]. Formato PDF. Disponível em: <<http://www.kff.org/entmedia/upload/7592.pdf>>
- ISCTE/ERC - *Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social* [online], 2008 [Acedido em 25-09-2009]. Disponível em: <http://www.erc.pt/index.php?op=vernoticia&nome=noticias_tl&id=191>
- LIVINGSTONE, Sonia - *The changing nature of audiences: from the mass audience to the interactive media use* [online], in: Valdivia, A., (ed.) *Companion to media studies*, Blackwell companions in cultural studies (6), Oxford, UK, Blackwell Publishing, 2003 [Acedido em 30-04-2009]. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/417/>>
- LIVINGSTONE, Sonia - *The challenge of changing audiences: or, what is the audience researcher to do in the age of the Internet?* [online], European journal of communication, 19 (1), 2004 [Acedido em 30-04-2009]. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/412/>>
- LIVINGSTONE, Sonia - *The risks of going online: What are children and young people really up to?* [online] - Presentation to the London Grid for Learning E-Safety Conference, 2007 [Acedido em 30-04-2009]. Disponível em: <<http://www.lse.ac.uk/collections/EUKidsOnline/EU%20Kids%20I/Presentations/Therisksofgoingonline-Headteachers'talk,noimages.ppt>>
- LIVINGSTONE, Sonia e HELSPER, Ellen - *Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide* [online], New media & society, 9 (4), 2007 [Acedido em 5-05-2009]. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/2768/>>
- MCKAY, S., THURLOW, C., ZIMMERMAN, H.T. - *Wired whizzes or techno-slaves? Young people and their emergent communication technologies*, [online] in: Williams, A. & Thurlow, C. (eds), *Talking adolescence: Perspectives on communication in the teenage years*, New York, Peter Lang, 2005 [Acedido em 28-04-2009]. Formato PDF. Disponível em:

<[http://faculty.washington.edu/thurlow/papers/McKay,Thurlow,Toomey-Zimmerman\(2005\)-chapter.pdf](http://faculty.washington.edu/thurlow/papers/McKay,Thurlow,Toomey-Zimmerman(2005)-chapter.pdf)>

O'REILLY, Tim - *What Is Web 2.0* [online], O'Reilly Media, Inc., 2005. [Acedido em 28-04-2009] Disponível em: <<http://oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html?page=1>>

PONTE, Cristina e CARDOSO, Daniel - *Generational Gaps in Internet Use in Portugal at Home and at School: Implications for Media Literacy* [online], XXVII Congresso da International Association of Media and Communication Research, 2008 [Acedido em 15-04-2009]. Formato PDF. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/IAMCRCPDC.pdf>>

ROBERTS, D., FOEHR, U., e RIDEOUT, V. - *Generation M: Media in the Lives of 8-18 Year-olds* [online], Kaiser Family Foundation Study, 2005 [Acedido em 27-08-2009]. Formato PDF. Disponível em: <<http://www.kff.org/entmedia/upload/Generation-M-Media-in-the-Lives-of-8-18-Year-olds-Report.pdf>>

SERRA, Paulo - *Internet e interactividade* [online], BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2006 [Acedido em 27-08-2009]. Formato PDF. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-Internet-interactividade.pdf>>

Anexo A - Caracterização Geral dos Entrevistados

	Número total de entrevistados	Idade	Sexo	Escolaridade	Profissão dos pais segundo código da Classificação Nacional de Profissões do INE	Freguesia de residência	Dimensão agregado familiar
Parâmetros médios	18	15 Anos = 6 16 Anos = 6 17 Anos = 6	F = 9 M = 9	10º Ano = 11 11º Ano = 4 12º Ano = 3	Código 2 (Especialistas das profissões intelectuais e científicas) = 4 Código 3 (Técnicos e profissionais de nível intermédio) = 7 Código 4 (Pessoal administrativo e similares) = 7 Código 5 (Pessoal dos serviços e vendedores) = 10 Código 8 (Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem) = 1 Não activo = 7	- Belém: 1 - Benfica: 1 - Oeiras e S. Julião da Barra: 6 - Alcântara: 2 - S. Marcos: 1 - Alfragide: 1 - Odivelas: 2 - Ramada: 2 - Ajuda: 1 - Sta. Catarina: 1	2 = 1 3 = 6 4 = 4 5 = 5 6 = 2

Anexo B - Grelhas de análise das entrevistas

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Locais de Acesso

(Onde costumam aceder à Internet?)

Entrevistado	Unidade de Contexto
A	“Em casa e às vezes na escola”.
B	“Em casa e na escola”.
C	“Em casa, ou em casa de amigos meus”.
D	“Na minha casa sempre”.
E	“Em casa”.
F	“Em casa”.
G	“Em casa”.
H	“Em minha casa só”.
I	“Em casa só”.
J	“Em casa e na escola”.
L	“Em minha casa no meu computador e no computador do meu pai.”
M	“Em casa”.
N	“No meu computador em casa e às vezes também na casa dos amigos”.
O	“Costumo aceder em minha casa no meu quarto ou então em sítios que tenha rede, procuro Internet em casa dos meus amigos através de redes que não sejam fixas”.
P	“Em casa, maioritariamente em casa”.
Q	“Em minha casa”.
R	“Casa e escola”.
S	“Em casa ou na biblioteca da escola”.

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Consumos de Internet

(Quando e por que motivo começaste a utilizar a Internet?)

Entrevistado	Unidade de Contexto
A	“Comecei a usar por causa principalmente de trabalhos da escola mas também para falar com amigos e também ver vídeos no Youtube”.
B	“Comecei a usar a Internet por causa da escola, depois foi alargando para o entretenimento”.
C	“Quando comecei a ter computador, por curiosidade”.
D	“Eu comecei a utilizar a Internet em casa dos meus avós porque em minha casa não havia Internet ainda, tinha pouca idade, tinha tipo 6 anos (...) depois quando tive computador, tivemos Internet lá em casa. A minha tia gosta de navegar na Internet e tinha entusiasmo em mostrar-nos algumas coisas. Incentivou-nos”.
E	“Tinha dez anos e foi mais para falar com os amigos”.
F	“Por volta dos 10 anos. Jogos”.
G	“Para aí no 7º ano, por causa do Hi5 e foi porque todos os meus amigos tinham”.
H	“Tinha 12 anos mais ou menos, os meus amigos tinham todos Hi5 e MSN e assim, e pronto, lá convenci a minha mãe e a minha mãe deixou-me e comecei a usar a Internet”.
I	“Foi quando a minha irmã comprou o computador, lá para os 11 anos comecei a utilizar a Internet. Achei piada, como nunca tinha visto depois comecei lá a andar e comecei a gostar”.
J	“Para aí aos 11, 12 anos para trabalhos e depois a partir daí comecei a entrar noutros sites e depois pronto, vi que aquilo era interessante e nunca mais a larguei”.
L	“Desde muito pequenina, como o meu pai é técnico de informático, pronto, é fácil. Quando eu era pequenina era mais por jogos e isso, mas depois mais tarde foi por causa dos trabalhos da escola, quando entrei para o 5º ano”.
M	“Quando os meus pais puseram Internet em casa e foi mais por causa da escola, porque fazer trabalhos baseados em livros tem de se estar sempre em bibliotecas e é muito mais fácil na Internet”.
N	“Comecei a utilizar quando tinha uns dez anos (...) por causa dos trabalhos da escola”.
O	“Comecei a utilizar a Internet lá para os dez anos ou menos um pouco porque o meu pai queria usar para o trabalho, então quando ele fazia isso eu procurava imagens e coisas para desenhar ou então via vídeos na Internet”.
P	“Eu comecei a utilizar para aí no 8º ano e foi mais para pesquisas, porque naquela altura era só trabalhos e trabalhos e com a Internet era mais fácil”.
Q	“No 7º ano. Para trabalhos escolares, especialmente para trabalhos escolares e para falar com os amigos também na Net”.
R	“Comecei a utilizar a Internet por causa dos trabalhos da escola mais ou menos no 7º ano”.

S	“Não me estou a recordar a primeira vez que tive contacto com a Internet, mas foi mais por causa da escola porque em certo momento os professores começaram a pedir trabalhos nos computadores, trabalhos de pesquisa”.
---	---

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Consumos de Internet

(As redes sociais online estão aí. Já foste apanhado nalguma (s)?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Sim, no Hi5, mas conheço mais mas não uso”.	+
B	“Sim o Hi5”.	+
C	“(…) a única rede social a que vou é o Messenger para falar com os meus amigos. O Hi5 quando andava para aí no 7º ano via isso, agora já não! Só às vezes”.	+
D	“(…) qualquer chat de conversação ou nos sites com perfis, eu tenho o <i>Hi5</i> , tenho o <i>Myspace</i> , um <i>Facebook</i> ”.	+
E	“Sim, já, no HI5. Agora já não tenho mas já tive”.	+
F	“Já, mas não ligo muito a isso. Tenho o Hi5 mas vou lá raramente, de mês a mês só para actualizar aquilo”.	+
G	“Sim, porque já aderi ao Hi5 mas não sou nenhum fanático, quer dizer vou lá todos os dias mas não passo lá o tempo todo”.	+
H	“Sim, mas não utilizo muito”.	+
I	“Já, no Hi5”.	+
J	“Claro! Já estou numa, no Hi5”.	+
L	“No MSN como toda a gente, mas de resto não”.	+
M	“Já, mas não é uma coisa que me dedique diariamente, nem mensalmente, talvez anualmente se calhar. Muito raramente mesmo”.	+
N	“Sim, só tenho Hi5”.	+
O	“Sim, tenho o Myspace e Hi5, não uso muito por acaso. Uso o Hi5 para comunicar também com os meus amigos e pôr fotos e partilhá-las mas sem ser isso só falo mesmo pelo MSN”.	+
P	“Sim, tenho Hi5 e Facebook”.	+
Q	“Tenho Hi5, Messenger”.	+
R	“Hi5, Facebook”.	+
S	“Adiro às vezes mas não dou muita relevância, só mesmo para conhecer”.	+

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Consumos de Internet

(Imagina que vivias dentro da Internet. Qual era a tua morada? Por onde é que ias andar?)

Entrevistado	Unidade de Contexto
A	“A minha morada iria ser algo talvez divertido, um site provavelmente com vídeos de comédia”.
B	“Andava por sites de outros países, ia para o Brasil, para andar a passear pelas praias”.
C	“Pelo Google! (...) Porque podia conhecer dentro do Google e depois podia ir para onde quisesse”.
D	“Eu ia andar pelo site de animações com certeza (...) eu gasto muito do meu tempo no computador a criar animações e a experimentar programas de animação e etc.”.
E	“Não sei bem, por todo o lado se calhar, não sei bem”.
F	“Youtube! Porque no Youtube nós podemos ver tudo no Youtube, tem desde por exemplo jogos de poker a vídeos do G8 por exemplo. Tem tudo a Internet”.
G	“Não sei, mas nalguma coisa divertida. O Hi5 era um bom sítio”.
H	“No Youtube e assim, porque eu gosto muito de ir lá ver vídeos e músicas”.
I	“Pelo Hi5 (...) ia para sites onde não tivesse tanto conhecimento para a minha cultura geral, mas sim para o meu divertimento e comunicação”.
J	“Pelo Hi5, assim conhecia muita gente”.
L	“A minha morada, não sei, provavelmente em jogos online que eu adoro quando são em termos de estratégia”.
M	“Andaria por aqueles sites que eu gosto de visitar de artes, porque eu acho que é uma bela maneira de ver obras de arte e ver o trabalho dos outros sem obviamente estar com eles, que é impossível porque alguns deles estão noutros países”.
N	“A minha morada não sei bem, mas provavelmente andaria pelo mundo dos “animes” e isso assim parecido”.
O	“MSN sem dúvida, estaria num sítio onde pudesse encontrar montes de gente, várias pessoas de qualquer parte do mundo”.
P	“Eu acho que talvez seja mais no Youtube, aquilo demonstra várias coisas e podemos ver tudo do que as pessoas fazem ou querem fazer”.
Q	“Sites de música, provavelmente. É onde eu passo mais tempo, estão sempre a estreiar novas músicas”.
R	“No Google, porque pesquiso muito na Internet e o Google é o melhor”.
S	“O Youtube porque é um site de entretenimento e tem vídeos, e também o Google porque me dá acesso a quase todos os sites da Internet”.

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Tipo e finalidade de acesso

(Que tipo de “sites” costumam utilizar? Com que finalidade?)

Entrevistado	Unidade de Contexto
A	“Uso principalmente o Google para fazer pesquisas e às vezes o Hi5 para manter assim uma rede social”.
B	“Hi5, Hotmail, mais nada assim em especial. Acho que é para ver o que se passa na vida das outras pessoas”.
C	“Costumo ir ao Google, nos motores de busca fazer pesquisa para trabalhos (...) ou para falar com amigos meus, ou às vezes para jogar na Internet”.
D	“Eu acedo a alguns blogues e perfis como o <i>Hi5</i> , o <i>Myspace</i> , etc., e eu tenho um interesse especial por animações portanto visito alguns sites com animações feitas em flash e coisas do género”.
E	“Site de jogos, também jornal na Internet para me manter actualizado”.
F	“Jogos principalmente, Youtube, mas jogos principalmente e informação desportiva (...) uso a Internet mais para entretenimento do que para outra coisa”.
G	“O Hi5, o Youtube. No Youtube é para ver vídeos e no Hi5 conhecer pessoas talvez”.
H	“O Google para trabalhos, algumas vezes mas não muitas e é mais Hi5 e Youtube”
I	“Hi5 para ver os amigos e as fotografias, o Google para pesquisar coisas para trabalhos da escola, o Miniclip para jogar jogos e mais nenhum... às vezes outros para sacar vídeos e séries”.
J	“Costumo utilizar o Google principalmente, Wikipedia, a partir do Google vou procurando várias coisas, como por exemplo, para jogar, para procurar informações para trabalhos e isso tudo. Praticamente para trabalhos e diversão”.
L	“Utilizo um dos sites que é o “deviantART” que é um género de site para pôr os nossos trabalhos artísticos e para as outras pessoas escreverem os seus comentários e de resto mais nada... por vezes para a escola o Google, o Wikipedia, por vezes sites de jogos”.
M	“Para trabalhos da escola, utilizo vários sites, mas há outros sites que eu gosto de ver relacionados com artes que é a área onde eu estou, é mais isso, de resto só o MSN”.
N	“Normalmente o Hi5 para ir comentar fotos dos meus amigos, costumo ir ao Youtube para ver filmes e costumo ir a um fórum sobre <i>Anime</i> ”.
O	“Normalmente é sempre o Youtube, para ver vídeos e/ou para pôr nos trabalhos de vez em quando, normalmente vou ao Google pesquisar qualquer trabalho que tenho para fazer, vou muito a Messenger e a sites para tirar músicas da Internet”.
P	“Sites de pesquisa, depois aqueles normais de convívio, Hi5, Facebook, Youtube. É mais para conviver com os meus amigos porque diariamente há muitos deles que eu não vejo e aí tenho a oportunidade de falar com eles, estar mais ligada a eles”.
Q	“O Google para trabalhos escolares”.

R	“O Hi5 para os amigos depois o Facebook também a mesma coisa e depois é o Gmail, o Hotmail, etc”.
S	“Youtube, O Google, é o motor de busca, e outros sites que são inúmeros que são para fazer trabalhos”.

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Frequência do acesso

(Em média, quanto tempo por dia dedicas à Internet?)

[menos de uma hora diária], [de uma a 3 horas diárias], [de 3 a 5 horas diárias], [mais do que 5 horas diárias]

Entrevistado	Unidade de Contexto
A	“Cerca de três”.
B	“Menos de uma hora”.
C	“Talvez uma hora”.
D	“Entre duas a três ou três a cinco”.
E	“Três a cinco”.
F	“De uma a três”.
G	“Mais do que cinco”.
H	“Não mais de uma hora”.
I	“Três a cinco”.
J	“Três a cinco”.
L	“Menos de uma hora normalmente (...) quando tenho trabalhos é que passo mais tempo para pesquisa”.
M	“De uma a três”.
N	“Normalmente aos dias que tenho escola, de uma a três, mas aos fins-de-semana pode ser de três a cinco”.
O	“Três a cinco”.
P	“De uma a três”.
Q	“Menos de uma hora”.
R	“Mais do que cinco”.
S	“Cerca de uma hora, duas”.

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Frequência do acesso

a) Acréscimo/decréscimo da Exposição à Internet

(O tempo que dedicas à Internet tem vindo a aumentar ou a diminuir? Porquê?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Não tem aumentado nem diminuído, porque não sinto necessidade de a usar mais e também porque o tempo livre que tenho ocupo-o na Net”.	=
B	“A diminuir, porque já não é o mesmo interesse que era antigamente. Já explorei tudo, o que tinha para explorar”.	-
C	“Diminuir, porque já não tenho paciência para estar na Internet, já não me atrai muito. Só para ir ao Messenger”.	-
D	“Depende (...) há alturas em que posso gastar mais tempo para brincar na Internet e outras tenho de trabalhar”.	=
E	“Tem vindo a aumentar. Cada vez me interessa mais pela Internet”.	+
F	“Diminuir. Eu já fui viciado em jogos de computador e já não sou viciado em computador, e há dias que não vou ao computador”.	-
G	“A aumentar, porque tenho downloads ilimitados”.	+
H	“A diminuir, porque também passo menos tempo em casa e quando passava mais tempo em casa tinha mais tendência a ir para a Internet, agora já não”.	-
I	“A aumentar, porque é mais viciante, começa a viciar. Já fico habituada. Quando chego da escola vou logo para o computador”.	+
J	“A aumentar, porque eu vou descobrindo cada vez mais coisas e cada vez interesse-me mais pelo que há na Internet e pronto vou descobrindo até que não conseguimos largar aquilo. É um vício”.	+
L	“Este ano a aumentar devido aos trabalhos”.	+
M	“É constante, sempre foi o mesmo”.	=
N	“Acho que tem vindo a diminuir, porque agora tenho começado a ler mais livros e interessar-me mais por ler e não passar tanto tempo na Internet”.	-
O	“Tem sido constante, tem vindo a aumentar um bocadinho, mas neste momento está constante. Porque antes ia pouco mas há um ano para cá conheci um rapaz na Internet e ele mora no Brasil e pronto nós somos namorados à distância por isso...”.	=
P	“Eu acho que continua constante (...) Eu não ligo assim muito à Internet, quando vou ok, mas também se não tiver acesso à Internet também não há problema”.	=
Q	“A diminuir, porque já não é novo. Quando era mais novo passava mais tempo na Internet agora já não.”	-

R	“Já estive mais alto, mas tem estado a estabilizar. Porque antes tinha mais tempo para estar na Internet”.	=
S	“Tem vindo a diminuir agora, não preciso porque eu vou para a Internet para falar no Messenger com os meus amigos e por isso utilizo o telemóvel, não preciso estar muito tempo lá”.	-

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Frequência do acesso

b) Interferência na rede familiar e rede de amizade

(Na tua opinião, o tempo que dedicas à Internet tem limitado a tua relação com a tua família? E com os teus amigos?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Não. Com os meus amigos acho que até tem ajudado a manter mais activa”.	-
B	“Antigamente limitava, agora já não porque não dedico muito tempo. Às vezes deixava de jantar à mesa e jantava à frente do computador. Com os meus amigos também. Deixava de ir para a rua, deixava de combinar cafés, de ir passear para ficar na Internet à frente do computador”.	-
C	“Não. Claro que não”.	-
D	“Não. De qualquer forma quando eu não estou a utilizar a Internet, se não estou a estudar, estou a fazer outra coisa qualquer no meu quarto, estou a ler ou assim... e... não afecta a nossa convivência. Não, quer dizer, pelo contrário, falamos na Internet e isso tudo aumentou um bocado a nossa convivência”.	-
E	“Sim se calhar tem, às vezes podia estar com a família e estou no computador. Porque se calhar interesse-me muito pela Internet e desligo um bocado da relação com a família. Não, isso não, com os meus amigos não”.	+/-
F	“Tem. Agora não mas anteriormente já limitou. (...) não querer ir almoçar fora, de ser um viciado de computador. Também, pela mesma razão de não ir para a rua de sair à noite... mas agora já não”	-
G	“Em parte, enquanto estou na Internet não estou a conviver. Não porque eles também estão na Internet”.	+/-
H	“Antigamente sim, noto que agora passo muito menos tempo na Internet, estou muito mais tempo com mais pessoas”.	-
I	“Não. Também não, só vai aumentar porque podemos falar pelo MSN”.	-
J	“Não, eles às vezes queixam-se mas eu quando quero consigo ter tempo para eles mas prefiro estar na Internet a estar com eles porque as conversas depois não são as mesmas e não gosto. Prefiro estar num sítio onde eu sei que vou falar com amigos e vou estar a divertir-me, do que eu estar ali à toa, estar ali sem ter vontade. Não, continuo a falar com eles pela Internet portanto não”.	-
L	“Não, nem por isso. Também não”.	-
M	“Não, de maneira nenhuma, porque eu controlo o tempo que passo na Internet exactamente para isso não acontecer. Não, também não”.	-
N	“Não, não tem limitado porque às vezes falo com familiares, especialmente com a minha tia, pela Internet. Com os meus	-

	amigos também falo bastante com eles”.	
O	“Não acho porque eu tenho estado na Internet de tempo a tempo e à noite vemos filmes e jantamos em família, não influencia de facto a minha relação com a minha família. Com os meus amigos também não, até melhora porque às vezes ficam coisas por combinar e na Net, no Messenger nós combinamos melhor”.	-
P	“Não. Não, também não”.	-
Q	“Não. Também não”.	-
R	“É um bocadinho, visto que eu passo a vida no quarto. Com os meus amigos não tanto, eles também estão lá na Internet”.	+/-
S	“Não. Também não, há tempo para tudo”.	-

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Frequência do acesso

c) Alteração de hábitos de consumo/ criação de novos consumos

(Consideras que deixaste de fazer determinadas actividades para “surfares” na Internet? Quais e porquê?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Não”.	-
B	“Sim (...) jantava à frente do computador, deixava de ir para a rua e de ir passear”.	+
C	“Não”.	-
D	“Sim, (...) eu tinha umas aulas de surf e depois queria continuar durante o verão e às vezes tinha preguiça de sair de casa de manhã para ir para o mar, que ainda por cima era frio e pronto, e ficava em casa e brincava no computador”.	+
E	“Não, não considero”.	-
F	“Neste momento já não”.	-
G	“Sem dúvida. A razão é a preguiça. Deixei de fazer canoagem, windsurf, vela, equitação, que fazia antes e agora já não faço nada”.	+
H	“Isso não”.	-
I	“Só estudar, de resto mais nada”.	+
J	“Não”.	-
L	“Não”.	-
M	“Às vezes deixo de ver Televisão para ir à Internet, mas acho que isso não é uma actividade muito importante, porque ver Televisão não é nada de fundamental para mim”.	+
N	“Não, continuo a fazer as mesmas coisas aliás acho que até me tem incentivado para fazer algumas coisas mais, como por exemplo, eu agora estou a aprender bateria e vou começar também a aprender piano”.	-
O	“Não, eu faço desporto até, faço natação, e não é por causa da Internet que ponho alguma coisa do meu dia-a-dia em causa”.	-
P	“Não nada”.	-
Q	“Não”.	-
R	“Sim, essencialmente o exercício”.	+
S	“Não”.	-

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Frequência do acesso

c) Alteração de hábitos de consumo/ criação de novos consumos

(Se ficasses sem acesso à Internet durante um mês. O que fazias?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Provavelmente tentava procurar alguém para passear ou ir a algum lado”.	+
B	“Antigamente acho que ficava louca, agora já não”.	=
C	“Já fiquei. Jogava Playstation, ia sair, ia à praia, se fosse caso disso, estava com os meus amigos, fazia outras coisas”.	+
D	“Não fazia nada, eu sobrevivía bem sem isso”.	=
E	“Tentava ir à Internet através de outro local, mas não era muito preocupante”.	=
F	“As mesmas coisas, simplesmente não ia à Internet”.	=
G	“Tentava-me entreter de outra maneira”.	+
H	“Antigamente afectava agora já não porque eu já não vou muito tempo à Internet”.	=
I	“Ligava mais à Televisão e à Playstation”	+
J	“Morria!”.	-
L	“Eu tenho outras coisas que costumo fazer como ler livros, ver Televisão, ouvir música, estar com os amigos”.	+
M	“Ia ter muito tempo livre, mas isso não me ia deixar nem desesperada nem nada disso, arranjava outra coisa para fazer, só com os trabalhos da escola é que se calhar ia ser mais complicado mas não é nenhum pânico”.	+
N	“Fazia exactamente as mesmas coisas”.	=
O	“Não sei, mas não ficava lá muito bem, não gostaria de facto, não sei o que faria”.	-
P	“Não faz mal, ficava sem Internet”.	=
Q	“Se precisasse muito dela ia a outro sítio para pesquisar, mas se não precisasse era indiferente”.	=
R	“Arranjava qualquer acesso à Internet, teria de arranjar de qualquer forma, mas se não conseguisse, era uma experiência nova mas difícil”.	+
S	“Se calhar até me faria bem por um lado. Porque acho que a Internet assim de modo excessivo torna-se um vício, mas eu não me considero uma pessoa que necessita de utilizar a Internet assim excessivamente”.	=

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Representações positivas e negativas sobre a Internet

(Para ti o que é a Internet? Como é que a descreverias a uma pessoa que não soubesse o que é?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“É como se fosse uma nuvem onde se pode ir buscar tudo o que se pode imaginar através do computador”.	+
B	“Um vício talvez”.	-
C	“É uma maneira de conhecer não digo o mundo, mas outras realidades, porque a Internet tem pesquisas e materiais informáticos de todo o mundo, por isso acho que é uma maneira de conhecer o que não se conhece, o desconhecido”.	+
D	“A Internet é uma maneira de ligar o mundo inteiro, é partilha de informação e, basicamente é isso, é um mundo de informação tecnológica”.	+
E	“É um local onde podemos obter informação sobre tudo o que quisermos basicamente. Podemos saber tudo sobre o mundo através da Internet”.	+
F	“ (...) É a aldeia global”.	+
G	“Talvez uma base de informações ou o acesso ao resto do mundo”.	+
H	“Eu acho que é bom para pesquisar e isso, mas as pessoas usam mais para lazer e para procurar outras coisas que não é bem informação, músicas e assim”.	+
I	“É um mundo onde podemos encontrar várias coisas para o conhecimento, divertimento, essas coisas. Podemos encontrar muitas coisas e aprender também”.	+
J	“Internet é um meio, é um conjunto de redes, onde podemos aceder a tudo e mais alguma coisa, tudo o que queremos saber está na Internet, tudo o que queremos procurar está na Internet, queremos saber alguma coisa sobre um comboio ou alguma coisa, está na Internet! Há sempre qualquer coisa na Internet sobre o assunto”.	+
L	“Internet acho que é algo muito útil à sociedade de hoje em dia porque tem coisas que nós podemos usar muito, como informação para qualquer pessoa e é bastante fácil de utilizar”.	+
M	“Eu acho que é um meio para todas as pessoas comunicarem, partilha-se tantas coisas, acho que é importante. (...) Se queremos viver neste século acho que a Internet é fundamental”.	+
N	“Uma nova fonte de informação onde podemos aceder a vários sites que nos podem informar de várias coisas, podemos falar com os amigos”.	+
O	“É um meio de comunicação em que uma pessoa pode comunicar com outra a quilómetros e quilómetros de	+

	distância, pode retirar de lá informações, pode ver coisas que não pode ver no seu país”.	
P	“Uma via para acesso a tudo o que nós queremos nem que seja para conviver, jogar, pesquisar coisas que nós não sabemos, acho que é um acesso a tudo”.	+
Q	“É um portal onde podemos ir a todo o lado aceder a toda a informação que quer”.	+
R	“Tem tudo, pode-se descobrir tudo, é infinita e é divertida”.	+
S	“Internet é um meio de comunicação através do qual se consegue comunicar, obter dados para adquirirmos maior conhecimento (...) pode-se dizer que é um mundo virtual”.	+

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Representações positivas e negativas sobre a Internet

(Na tua opinião, que consequências, positivas e negativas, é que a Internet trouxe para os jovens como tu?)

Entrevistado	Unidade de Contexto
A	“Negativas, talvez às vezes alguns jovens deixem de estudar ou até mesmo manter uma vida social mais activa para estar mais horas na Net. E benefícios, acho que em relação a trabalhos tem bastantes, porque se encontra bastante informação na Net. Também ajuda a manter uma pessoa entretida quando não há nada para fazer”.
B	“Positivas foi termos um meio de busca para a escola e um meio mais alargado para saber o que é que se passa no mundo, para saber as novidades tipo no minuto a seguir. As negativas, é como eu tinha dito, é o vício, é ficar à frente do computador, deixar de comer, estar com os amigos, estar com a família”.
C	“Positivas, como eu já disse deu a conhecer outras coisas, dá para falarmos com os nossos amigos, dá para estarmos mais vezes em contacto (...) negativas, se calhar conheço casos de amigos meus que ficam completamente viciados em jogo. Jogo não digo a dinheiro mas jogos online que eles próprios gastam dinheiro para continuar a jogar, e acho que isso é muito prejudicial para os colegas”.
D	“Eu penso que há jovens que ficam agarrados à Internet e vivem muito à base daquilo. Por outro lado, também trouxe muitas vantagens ao nível da pesquisa de informação, facilitou o acesso”.
E	“Positivas, acho que podemos ter mais comunicação com os amigos através da Internet. E negativas, acho que gastamos demasiado tempo na Internet enquanto podíamos fazer outras coisas”.
F	“Positivas, inglês, muito, muito inglês. Negativas (...) ultimamente é perda de tempo nos últimos anos”.
G	“Positivas é dar acesso a informações que não tínhamos com tanta facilidade. Negativas é o mesmo aspecto da preguiça e de passarmos mais tempo ao computador”.
H	“Negativas, eu vou ser sincera, eu acho que muita gente se conhece pelo HI5 e eu sou contra isso, e por isso acho que as pessoas às vezes deixam de se relacionar com as outras pessoas por causa da Internet (...) positivas, por exemplo às vezes quero saber que filme está no cinema e assim e vou à Internet e é muito mais fácil do que ter-me de dirigir ao local”.
I	“Positivas, contacto com os amigos e pesquisa para trabalhos da escola, e negativas talvez o vício de ficar lá muito tempo e estudar menos porque metade das pessoas estuda menos e vai mais para a Internet”.
J	“Positivas é o facto de haver mais informação (...) Negativas é o facto de não estarmos tanto tempo com a família, o facto de haver vícios e o facto de haver perigos na Internet.”
L	“Positivas, como eu já referi, é provavelmente os trabalhos, é a maneira mais fácil de começarmos a fazer os trabalhos é através da pesquisa na Internet, por outro lado, há pessoas que ficam mesmo viciadas”.
M	“Podemos comunicar sem gastar dinheiro, mas há aqueles jovens

	obcecados que só pensam na Internet e não saem de casa por causa da Internet, e deixam de estudar por causa da Internet e não lêem por causa da Internet”.
N	“Positivas, podemos aprender mais coisas na Internet, por exemplo, temos alguma dúvida sobre algo podemos ir sempre à Internet pesquisar quando não temos tempo para ver nos livros. Nos aspectos negativos, por exemplo, (...) os chats podem levar a encontros perigosos nos jovens que não sabem onde é que se estão a meter”.
O	“No meu caso eu não sou viciada mas há muitas pessoas que eu conheço que realmente deixam de fazer coisas para estar na Internet passam demasiadas horas e podem até ferir a visão, mas aspectos positivos até acho que há bastantes (...) Fazer trabalhos, saber informações sobre várias coisas, eu sou curiosa muito curiosa, vejo muitas pinturas na Internet, já que a minha área é de artes e jogo jogos de cálculo mental, para estimular também um bocado, gosto bastante”.
P	“ (...) Temos de ter sempre cuidado àquilo que nos expomos na Internet. Agora positivas, eu acho que é muito mais fácil, dá-nos muito mais facilidades a tudo, mesmo a tudo”.
Q	“Dá-nos mais autonomia, somos mais livres, não precisamos tanto pedir aos pais para se receber informação, temos sempre a Internet disponível, mas também perdemos muito tempo com ela”.
R	“Positivas porque com a Internet nós ganhamos um bocadinho o gosto de procurar as coisas e negativas porque ganhamos demasiado o gosto de procurar as coisas só na Internet”.
S	“Positivas, eu acho que tem um enorme leque de vantagens, ou seja, no âmbito da escola, de adquirir mais conhecimento (...) Eu acho que esta é a principal desvantagem, que é o vício, uma pessoa ficar dependente da Internet”.

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Representações positivas e negativas sobre a Internet

(A Internet mudou a tua forma de te relacionares/comunicares com os outros? De que modo?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Não, em parte não, mas também é utilizado o Messenger para comunicar com os outros. Ajudou talvez a manter-me mais activo”.	-/+
B	“Um bocado (...) por exemplo, uma pessoa está a falar com outra na Internet não consegue comunicar tão bem como se estivesse frente a frente”.	+
C	“Não, talvez só com os assuntos que nós vemos na Internet. Podemos dizer...“olha viste aquele vídeo?” e partilhamos informações”.	-/+
D	Quer dizer, mudou de certeza de todos, acho eu, porque, não sei, é uma nova maneira de comunicação e fez diferença.	+
E	“Não, acho que não”.	-
F	“Não, também não cheguei aí”.	-
G	“Não”.	-
H	“Não porque, quando eu era mais viciada na Internet, os meus pais não apoiavam isso e então eu não podia estar muito tempo na Internet. Com isto eu mudei a minha versão da Internet por isso deixei de estar lá muito tempo, por isso nunca mudou”.	-
I	“Não”.	-
J	“Não mas foi uma maneira de começar a falar de outra maneira com certas pessoas. Quando ao princípio a pessoa não tem aquele à vontade, não consegue dizer aquilo na cara vai começando a dizer pela Internet e depois começa a ficar com uma maneira de ser mais aberta”.	-/+
L	“Não, nem por isso”.	-
M	“Não”.	-
N	“Não, de facto até pode ter melhorado porque ao ver mais vocabulário, ao ler mais coisas também na Internet até melhorei o meu inglês e também o meu português”.	-/+
O	Eu acho que sim, mas eu sempre tive alguma facilidade em relacionar-me com as outras pessoas (...) por exemplo conheço pessoas na Internet e quando estou perto do sítio onde elas estão elas vêm ter comigo e conversamos e vemos cara a cara coisa que não costumamos fazer ou então vêm ter comigo mesmo no sítio onde eu estou”.	+
P	“Eu acho que se tornou mais um meio de lidar com as pessoas, não revolucionou nada, é mais um meio”.	+
Q	“Não, penso que não”.	-
R	Sim, às vezes uma pessoa usa expressões da Internet, por	+

	exemplo, o <i>lol</i> ".	
S	"Não, eu penso que não".	-

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Representações positivas e negativas sobre a Internet

(De que modo é que a Internet contribuiu e contribui para a tua aprendizagem? Refere alguns exemplos.)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Para aprendizagem basicamente é mesmo os trabalhos da escola onde posso procurar todo o tipo de coisas. Há bastante informação acessível e consegue-se encontrar vários tipos de música e conhecer coisas novas e enriquece a nossa cultura geral”.	+
B	“Por exemplo, na escola muitas vezes os professores não dão a matéria e mandam-nos ir à Internet buscar a matéria. Isso é um dos aspectos que aprendemos na Internet. É mau, é muito mau, porque daqui a bocado toda a gente funciona à volta da Internet. Já não há professores, já não há escola, põe-se à frente de cada um o computador e dá-se assim as coisas”.	-
C	“Em trabalhos da escola e para conhecer outras coisas, mas quase nada. Só mesmo por causa dos motores de busca por causa dos trabalhos”.	+/-
D	“A Internet, quer dizer para além do lazer, é como eu disse partilha de informação que pode ser realmente útil em termos de cultura e estudos”.	+
E	“Para fazer trabalhos... os meus trabalhos normalmente são todos à base da Internet. (...) É mais prático termos Internet para podermos pesquisar sobre o que queremos saber”.	+
F	“O inglês e para fazer os trabalhos escolares e isso, sem Internet os trabalhos escolares eram dificílimos, livros e isso não era para mim”.	+
G	“Também contribui para eu poder aceder às informações e para fazer trabalhos, que faço muito mais facilmente, em vez de demorar se calhar duas horas, demoro dez minutos”.	+
H	“Para trabalhos, eu é raro usar livros (...) Vou muito à Internet, é mais fácil!”.	+
I	“De várias maneiras, por exemplo se eu for ao Google e puser lá um tema para um trabalho na escola aparece e já tenho fundamento para fazer o trabalho”.	+
J	“Aprendizagem em termos de trabalhos começo a aprender coisas porque tenho lá a informação, também conhecer pessoas novas na Internet faz com que eu vá conhecendo outras maneiras de pensar. Também posso falar com outras pessoas no estrangeiro o que ajuda também a melhorar as línguas, é mais à base de conhecimentos”.	+
L	“Nos últimos anos temos utilizado cada vez mais Internet nas escolas através de sites, jogos online didácticos e outras coisas, tem-se vindo a utilizar cada vez mais nas escolas”.	+
M	“Acho que não contribui muito. Às vezes quando não consigo encontrar alguma informação antes de um teste num livro,	-/+

	procuro na Internet. Às vezes é mais fácil procurar na Internet do que num livro”.	
N	“Para o inglês claro, porque comecei a aprender inglês com 5 anos e a minha tia ia logo pesquisar as coisas para me dizer o que eram as palavras, também a ver pinturas, gosto muito de pintura, para ver <i>covers</i> de bateria ou de piano que vou aprender agora e também para aprender algumas coisas em japonês, pequenas palavras”.	+
O	“Principalmente em inglês, eu vejo muitos filmes (...) a tirar informações de ciências, geometria descritiva, por exemplo, há sites bastante bons sobre isso”.	+
P	“Ajudou-me imenso nas pesquisas e acho que futuramente também vai ajudar bastante, é super fácil e rápido, e temos acesso a tudo”.	+
Q	“Facilita-me muito para tudo. Se temos dúvidas vamos à Internet, se queremos fazer um trabalho vamos à Internet”.	+
R	“Eu pesquiso muita coisa na Internet, até porque me ensinaram dessa maneira”.	+
S	“Contribui no sentido que o meu estudo se torna mais fácil e prático, em vez de utilizar livros posso utilizar a Internet ou em vez de fazer exercícios e livros posso fazer na Internet”.	+

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Perspectivas de futuro da Internet

(Achas que poderá surgir uma nova tecnologia ainda mais interessante do que a Internet? Porquê?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Não faço ideia. Acho que a Internet já é algo bastante evoluído, onde se consegue procurar tudo”.	N/S -
B	“Mais interessante que a Internet só se for a máquina do tempo ou algo assim. Porque sei lá, estou aqui e apetece-me falar com aquela pessoa, entro numa máquina e já estou lá”.	+
C	“Não sei... veremos com o tempo”.	N/S
D	“Eu acho que a Internet pode evoluir mas, sendo a Internet o que é e ligando o mundo inteiro acho que não pode haver nada que supere. (...) é uma maneira prática de aceder ao mundo inteiro sem termos de nos levantar da cadeira”.	-
E	“Acho que pode haver mais interessante, não sei bem o quê, mas acho que sim. Porque o mundo está a evoluir cada vez mais. Tal com a Internet apareceu outras coisas vão surgir”.	N/S +
F	“O mundo está sempre em desenvolvimento e isso é uma resposta que é impossível saber mas se calhar a Internet daqui a uns anos pode ser acessível até nos cantos mais subdesenvolvidos de África”.	+
G	“Acho que vai ser difícil mas tudo é possível. (...) acho que nunca nada vai conseguir superar, pelo menos fazer uma base de dados tão grande e com uma facilidade de acesso assim”.	-
H	“É possível, acho que sim, não sei bem o quê mas tenho quase a certeza que sim. Porque eu acho que cada vez vai aparecendo mais coisas. Porquê a Internet também não mudar? Não vejo razão para ficar só pela Internet”.	+
I	“Não sei, acho que não, acho que já é um mundo demasiado grande. Porque já tem demasiadas coisas, a Internet já está muito avançada e era um bocado difícil superarem isso com outra coisa”.	N/S -
J	“Interessante não digo a não ser que haja outro tipo de coisas, mas eu acho que mais do que isto é difícil. Neste momento com a minha idade claro, e com o que eu preciso, e também toda a gente que precisa de uma coisa tem lá na Internet, até maneiras de comprar, nem precisamos de sair de casa para comprar. Portanto se houver algo melhor só se forem robôs para nos limparem a casa”.	-
L	“Talvez, com o que estamos a evoluir. (...) nós temos a tendência a evoluir e a criar coisas cada vez melhores, cada ano que passa por isso, acho que é bastante provável”.	+
M	“Eu acho, espero bem que sim, porque inovar é sempre bom e se podem inventar alguma coisa ainda mais interessante do que a Internet, porque não inventar”.	+

N	“Suponho que não, porque a Internet já está muito avançada mesmo e não conseguem fazer algo melhor do que a Internet”.	-
O	“Acho que é possível, já falam até de ecrãs invisíveis e torradeiras, portanto acho que é bem possível”.	+
P	“Sinceramente acho que não. Eu acho que aquilo é tão vasto que não sei o que é que poderá ser criado mais ainda, não faço a mínima”.	-
Q	“Não, porque a Internet é útil e dá para fazer várias coisas, se for para trabalhar dá, se for para entreter dá. É muito difícil que alguma coisa supere isso”.	-
R	“Não imagino uma tecnologia mais interessante do que a Internet, imagino uma Internet desenvolvida de outra maneira, mas a Internet é a Internet”.	-/+
S	“Eu penso que não, acho que a Internet é um circuito virtual bastante completo, ou seja, na Internet encontramos quase tudo”.	-

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Perspectivas de futuro da Internet

(Daqui a 10 anos, achas que a Internet poderá ter mais utilizações do que as que tem actualmente? Quais?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Eu creio que sim, embora não saiba dizer quais, mas a Internet está sempre a evoluir portanto é provável que também venha a ter mais utilizações”.	+ N/S
B	“Provavelmente sim. O cheiro, provavelmente é o cheiro. Porque já tem tudo, só falta mesmo o cheiro”.	+
C	É capaz.(...) se calhar poderemos ter localizadores”.	+
D	“Sim é provável, a tecnologia evolui. (...) penso que podemos utilizar a Internet não só para obter informação mas para ter, não sei, algum controlo sobre as coisas”.	+
E	“Acho que sim, mas não sei bem”.	+ N/S
F	“Claro! Todo o tipo. Eu acho que vai ter o tipo de utilizações que já tem e muito mais desenvolvido, muito mais desenvolvido e muito mais globalizado”.	+
G	“Sim. Não faço a mínima ideia mas como surgem todos os dias novas, claro que vão existir outras”.	+ N/S
H	“Muitas mais. Eu acho que pela Internet até vai ser possível assistir a aulas e assim, quer dizer, já é, mas não é com tanta frequência... não sei... mas já tem muitas utilizações por isso também não sei”.	+ N/S
I	Muito mais. Vai haver mais utilização mas se calhar pelos mesmos motivos, não sei mesmo”.	+ N/S
J	“Acho, muito mais. Para já os miúdos que estão a crescer vão começar já com a Internet e os velhotes vão sempre querer saber mais, e neste caso os velhotes naquele tempo já vão ser outros, já vão ser os que já usam. Logo a Internet vai ter sempre muito mais uso”.	+
L	“Provavelmente porque cada vez é maior o número de pessoas que usa Internet”.	+
M	“A Internet já tem bastantes utilizações mas não acredito que vá ter muitas mais, é só um aperfeiçoamento das que já tem agora”.	-
N	“Poderá ter, não sei quais mas pode vir a ter, as bases vão estar sempre lá”.	+ N/S
O	“Possivelmente, porque até agora há algumas coisas que eu queria ter encontrado na Internet e não tenho conseguido, por exemplo, as calculadoras, eu tinha uma calculadora gráfica que se avariou e o que é que eu me lembrei, «vou à Internet procurar ver se há algum programa!», encontrei vários mas não era bem aquilo que eu queria por isso eu acho que ainda há alguns saltos que se podem fazer. Para melhorar basicamente, por exemplo há informações que não estão	+

	correctas, acho que se deveria melhorar esses aspectos porque há informações falsas”.	
P	“Isso deverá ter com certeza mas também não será só a Internet. Vai evoluir tudo. Acho que a Internet aí já não vai ser assim tão útil ou se evoluir ao mesmo tempo que as coisas vão evoluindo, acho que sim, acho que vai ter mais utilizações”.	+/-
Q	“Sim, cada vez vai servindo para fazer mais coisas, por exemplo, o IRS (...) cada vez serve para mais coisas, eu acredito que vai aumentar sempre as utilizações”.	+
R	“Acho que a utilização da Internet está a crescer, mesmo, mesmo muito e realmente não vai parar e cada vez mais as pessoas vão depender da Internet”.	+
S	“Eu penso que sim, porque cada vez as pessoas recorrem com mais frequência à Internet, penso que daqui a uns anos já pelo menos grande parte do mundo terá acesso facilitado à Internet”.	+

Internet – representações e expectativas dos jovens

- Perspectivas de futuro da Internet

(A Internet é um organismo vivo. Na tua opinião, vai extinguir-se ou vai evoluir?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Com o ritmo a que tem aumentado penso que vai evoluir bastante”.	+
B	“Evoluir. Andar para trás não anda, só vai evoluir”.	+
C	“Vai evoluir, definitivamente!”.	+
D	“Vai evoluir, vai evoluir completamente, as pessoas não, não sei, acho que não abdicam porque é prático”.	+
E	“Vai evoluir”.	+
F	“Claramente evoluir, claramente!”.	+
G	“Evoluir”.	+
H	“Vai evoluir”.	+
I	“Vai evoluir”.	+
J	Evoluir, porque na Internet cada pessoa vai pondo uma coisa nova e vão sempre existir mais conhecimentos (...) vai ser sempre a evoluir nunca vai ser extinta”.	+
L	“Penso que vai evoluir”.	+
M	“Vai evoluir”.	+
N	“É capaz de evoluir porque a nossa geração agora está habituada a computadores e com as gerações vindouras poderão vir a utilizar também porque todos nós agora sabemos utilizar os computadores e a Internet e vamos transmitir isso aos que virão de seguida”.	+
O	“Para mim ou vai evoluir muito depressa ou então ainda se vai arranjar uma nova maneira, uma nova Internet que vai superar aquilo que já temos”.	+
P	“Extinguir-se acho que não se pode extinguir, todas as pessoas têm acesso àquilo e acho que até algumas pessoas vivem na Internet, agora evoluir acho que vai evoluir quase de certeza”.	+
Q	“Vai evoluir”.	+
R	“Vai evoluir”.	+
S	“Eu acho que extinguir é um bocado difícil na sociedade de hoje. Eu acho que ao longo dos anos tem vindo a evoluir pelo menos. Eu acho que tem tendência a evoluir do que a extinguir-se”.	+

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Preferências

(Nos teus tempos livres, preferes ver Televisão ou “surfear” na Internet? Porquê?)

Entrevistado	Unidade de Contexto
A	“Nos meus tempos livres às vezes até consigo fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Levo o computador perto da TV e enquanto estou na Net vou vendo Televisão”.
B	“Ver Televisão, porque, não sei, a Internet é um meio de busca. A Televisão é o que está a dar. Dá uma novela, por exemplo, na Internet não posso ligar e ver uma novela. Na Televisão já posso, quer dizer, na Internet também posso mas tenho de pesquisar”.
C	“Depende do que esteja a dar na Televisão. Depende das horas, se estiver a dar um programa que eu goste, prefiro muito mais estar a ver Televisão ou prefiro jogar Playstation do que estar na Internet. A Internet é muito superficial, é muito secundário”.
D	“Internet, eu raramente vejo Televisão. Eu acho que a Internet permite-nos ser um bocado mais selectivos, nós procuramos o que queremos e obtemos e a Televisão estamos um bocado sujeitos ao que nos dão para ver”.
E	“Surfar na Internet. Porque tem mais acesso a informações”.
F	“Internet, claramente! Porque tem mais diversidade”.
G	“Depende um bocado da disposição, mas normalmente é Televisão, porque é mais variado e porque canso-me um bocadinho de estar na Internet”.
H	“Ver Televisão, óbvio. Porque eu sempre gostei muito de Televisão e adoro ver séries e também gosto de ver documentários sobre animais e assim e acho que não tem perigos, quer dizer, a Televisão pode influenciar um bocadinho a nossa opinião mas não estamos em contacto directo com ninguém. Não estamos a prejudicar-nos”.
I	“Não sei, depende, também gosto muito da Televisão, mas se calhar a Internet dá acesso a mais coisas. Porque na Televisão eles é que dizem que filmes é que podemos ver e essas coisas, e na Internet não, podemos procurar uma coisa e ver o que nós queremos”.
J	“Internet porque na Televisão a maior parte das vezes não dá o que eu gosto e na Internet posso ver filmes, posso ver a própria Televisão na Internet logo tenho mais escolha”.
L	“Surfar na Internet. Quando era mais pequenina costumava muito mais ver Televisão, talvez devido aos programas e aos canais que eu usava, mas agora com a Internet tudo o que se faz na Televisão provavelmente agora já se consegue fazer na Internet também”.
M	“Internet, porque posso conversar com os meus amigos e na Televisão não dá”.
N	“Nos tempos livres às vezes costumo surfar na Internet mas também gosto de ver Televisão. Gosto de ver programas documentários sobre pinturas, gosto de ver desenhos animados também e gosto de ver daqueles programas para rir e também algumas séries que dão na Televisão”.
O	“Surfar na Internet, porque na Televisão estamos limitados por horários temos de ver aquilo naquela hora e na Internet chegamos lá, por exemplo,

	no Youtube chegamos lá e vemos “isto já deu na América vamos lá ver aqui no Youtube”, também já há pessoas que copiaram para aqui”.
P	“Nos meus tempo livres não costumo ir muito à Internet, mas ver Televisão também não, mas se for entre as duas talvez vá mais à Internet do que ver Televisão. A Televisão acho que já não é tão apelativa, eu acho com a coisa da Internet nós podemos ver Televisão na Internet, já não é aquela coisa “ah vou ver isto na Televisão” quando temos acesso à Internet que temos lá tudo, não há essa necessidade”.
Q	“Ver Televisão. Há vários programas, não sei, não tenho de pesquisar, o que aparece é o que se vê, vamos mudando”.
R	“Surfar na Internet, até posso ver Televisão na Internet. É mesmo uma questão de hábito. A Televisão também tem muitas coisas interessantes, as séries todas, e uma pessoa não tem de estar a fazer downloads nem nada do género porque já está lá tudo, mas a Internet é a Internet, uma pessoa ocupa-se e não se consegue desprender”.
S	“Normalmente faço as duas coisas ao mesmo tempo, mas sou capaz de preferir a Internet. Normalmente quando estou a ver Televisão estou a ver notícias ou futebol e quando estou na Internet estou no Windows Live Messenger, ou estou a ver notícias, vou ao site da Bola ou Record, pronto, é mais para ver notícias, não costumo também jogar muito. O que eu faço na Internet, o que eu vejo é o mesmo que vejo na Televisão, mas pronto, acho que prefiro a Internet”.

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Preferências

(Vês coisas na Internet que pudesses ver na Televisão? Se sim, quais e porque é que os preferes ver na Internet.)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Sim, às vezes há programas que não vejo na Televisão porque não consegui estar na hora do programa e encontro o vídeo do programa na Net. Até mesmo séries, por exemplo, que passam na Televisão encontram-se com bastante facilidade. Não é questão de preferir, às vezes quando não consigo ver na Televisão tento procurar na Net”.	+
B	“Não”.	-
C	Sim, posso aceder aos sites das redes de Televisão e posso ver Televisão, mas (...) prefiro ver na Televisão.	+/-
D	“Vejo com certeza, mas a Internet tem uma vantagem que é na maioria dos casos não ter que ver a um horário certo ou assim, eu posso ir lá e ver quando me apetecer. Eu tiro imensas séries de “anime”, que é desenhos animados japoneses e eu tiro da Internet e vejo os episódios assim, horas seguidas”.	+
E	“Vejo. Programas na Internet que também estão na Televisão posso aceder a isso tudo. Porque é mais prático”.	+
F	“Sim. Desporto, poker, porque posso ver quando quero”.	+
G	“Não”.	-
H	“Sim vejo. Por exemplo no meu caso eu vou muito ao Youtube ver vídeos e musicas e assim enquanto estou a ver canais de música, posso ver exactamente as mesmas coisas na Televisão. A questão é que tenho de esperar que dê a música que eu quero e na Internet ponho e ouço logo”.	+
I	“Algumas. As músicas, os filmes os vídeos... porque posso ver as vezes que eu quiser, posso repetir, na Televisão não, param quando querem e pronto”.	+
J	“Vejo, programação que às vezes não aparece na Televisão, vejo informações que às vezes nem aparecem na Televisão, por exemplo concertos, tenho essa informação na Internet na Televisão às vezes nem dá. Na Internet tenho mais escolha. Eu antes via muita Televisão, agora passei a ver menos e a estar mais tempo na Internet. Foi troca por troca. A Televisão agora é sempre a mesma coisa. Os programas são todos iguais e na Internet há sempre alguma coisa nova e é isso que eu prefiro”.	+
L	“Sim, a Televisão mesmo, os próprios canais podem-se ver na Internet. Não é preferir, é que se eu estiver na Internet posso estar a fazer várias coisas ao mesmo tempo enquanto se estiver só na Televisão não posso estar, por exemplo, a estudar ao mesmo tempo”.	+

M	“Não, acho que não... há algumas coisas que sim, por exemplo a meteorologia, mas acho que isso não é das coisas que eu mais faço na Internet”.	+
N	“Sim, alguns episódios que tenha perdido, vou sempre à Net ver o que é que aconteceu”.	+
O	“Vejo, por exemplo, eu adoro “Anime”, um estilo de animação japonesa e que dá no “Animax” como aquelas traduções às vezes não estão muito bem feitas, e eu procuro na Internet coisas que posso ver lá e outras que posso mas que me dá mais jeito naquele horário”.	+
P	“Sim, por exemplo na Internet jogo alguns jogos que na Televisão era impossível, vejo vídeos que devem passar, faço pesquisas, nunca poderei fazer pesquisas na Televisão, pelo menos actualmente”.	+
Q	“Não, penso que não, gosto mais de ver na Televisão do que estar na Internet. Os jogos de futebol, por exemplo, dão na Internet também e eu prefiro ver na Televisão”.	-
R	“Sim as ditas séries, e às vezes vejo mais depressa na Internet do que na Televisão”.	+
S	“O que eu vejo na Televisão vejo na Internet, é o futebol e as notícias”.	+

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Frequência do acesso

(Em média, quanto tempo por dia dedicas a ver Televisão? [menos de uma hora diária], [de uma a 3 horas diárias], [de 3 a 5 horas diárias], [mais do que 5 horas diárias])

Entrevistado	Unidade de Contexto
A	“Três a cinco mais ou menos”.
B	“Uma hora nem tanto”.
C	“No geral de uma a três”.
D	(não vê Televisão)
E	“Uma a três”.
F	“Menos de uma hora”.
G	“Exactamente as mesmas, mais do que cinco, porque eu quando estou no computador normalmente também estou a ver Televisão, em simultâneo”.
H	“De uma a três horas”.
I	“Talvez de uma a três horas”.
J	“Menos de uma hora”.
L	“Menos de uma hora”.
M	“De uma a três também”.
N	“Em principio de uma hora a três”.
O	“Menos de uma hora”.
P	“Menos de uma hora”.
Q	“Mais do que cinco”.
R	“Acho que é mais de três a cinco, porque às vezes vejo ao mesmo tempo que estou na Internet”.
S	“No máximo cerca de três horas”.

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Frequência do acesso

a) Acréscimo/decréscimo da Exposição à Televisão

(No teu caso, o tempo que dedicas à Televisão tem vindo a aumentar ou a diminuir?

Quais as razões para essa alteração?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“É como na Net, acho que não tem aumentado nem diminuído. Tem-se mantido”.	=
B	“A diminuir. Tenho dado mais tempo aos meus amigos, à escola”.	-
C	“Acho que no geral não diminui nem aumenta, fica por aí... mantém-se”.	=
D	“Deixei de dedicar tempo à Televisão. Acho que perdi muito interesse na Televisão”	-
E	“Tem vindo a diminuir. Devido à Internet também, tenho acedido mais à Internet do que à Televisão”.	-
F	“Diminuir. Porque, primeiro, os estudos têm contribuído imenso, segundo os treinos, e porque tenho pouco tempo, porque se tivesse mais se calhar via mais”.	-
G	“A aumentar. Para já por ter mais canais, que não tinha antes e por darem mais séries que não davam antes”.	+
H	“A diminuir. Tem sido precisamente pelo facto de eu agora estar menos tempo em casa e depois como estou menos tempo em casa quando vou para casa tenho de estar com os meus pais e por isso não me vou agarrar à Televisão como é óbvio”.	-
I	“A diminuir, porque se calhar já não dão programas de qualidade e de jeito que davam antigamente e porque a Internet é mais divertido e ir para a rua com os amigos também, tira o entusiasmo da Televisão”.	-
J	“Diminuir porque, como disse há bocado, na Internet eu tenho mais meios de escolha e se eu não gostar do que está a dar na Televisão posso ir ver canais que não tenho mesmo na minha própria Televisão. É sempre mais fácil”.	-
L	“A diminuir, devido à Internet”.	-
M	“A diminuir acho eu, acho que estou a perder o interesse na Televisão, é sempre a mesma coisa”.	-
N	“Eu acho que tem ficado na mesma, não vejo nem mais Televisão nem menos”.	=
O	“A diminuir bastante, eu antes via muito mais Televisão mas agora acho que tenho vindo a trocar a Televisão pelo computador. Essencialmente por causa dos horários, aquilo que me apetece fazer e aquilo que eu tenho disponibilidade para fazer vai mudando um pouco”.	-
P	“Tem vindo a diminuir, muito mais. Acho que já não chama, acho que os programas, pelo menos para mim, já não são apelativos, às vezes as séries são engraçadas mas mesmo	-

	assim já não é uma coisa que se queira estar três ou quatro horas a ver, é um bocado secante”.	
Q	“A aumentar. Falta de outras actividades, porque eu antigamente fazia andebol e deixei e agora é a Televisão”.	+
R	“A diminuir, porque com o aumentar da Internet veio a diminuir a Televisão”.	-
S	“A diminuir porque pronto, vou perdendo o interesse não há assim programas que me chamem a atenção, que me cativem e então vou perdendo o interesse, vejo assim à hora da refeição o jornal de notícias, vejo um jogo ou dois, costumo fazer <i>zapping</i> para ver se está a dar alguma coisa, mas normalmente não está a dar nada e acabo por não ver Televisão”.	-

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Frequência do acesso

b) Interferência na rede familiar e rede de amizade

(Costumas assistir a programas de Televisão com familiares e amigos? Se sim, que género de programas e porquê?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Sim algumas vezes. Programas como, por exemplo, caça talentos com a família, porque acho que é um programa que dá para comentar ao mesmo tempo que é visto. Com os meus amigos também vejo às vezes embora não com tanta frequência e costumo ver séries com eles”.	+
B	“Sim, com familiares principalmente. Telenovelas e o telejornal. O telejornal é porque é sempre à hora da refeição e à hora da refeição a Televisão está sempre ligada. E a novela é principalmente quando vamos dormir. Eu durmo no mesmo quarto que a minha mãe e vemos a novela juntas”.	+
C	“Sim. Quando estou a ver séries na Fox ou assim, com o meu irmão, às vezes quando estamos a almoçar vejo com ele e às vezes quando estou a ver jogos de futebol vejo com o meu irmão, com o meu pai, com os meus tios às vezes. Sim, quando estou em casa deles, quando há oportunidade disso, vemos (...) enquanto estamos a ver o filme ou a série, ou o que estejamos a ver podemos interagir, podemos falar, podemos comentar sobre o que estamos a ver”.	+
D	“Se às vezes durante as refeições estamos a comer em família (...) às vezes assistimos a programas de Televisão em família, mas é só nessas ocasiões porque por norma a Televisão não desperta o menor interesse em mim”.	-
E	“Sim, séries de Televisão americanas. Não sei, porque todos se interessam por isso”.	+
F	“Amigos é o futebol, familiares nem tanto, se calhar filmes de vez em quando. (...) para comentarmos”.	+/-
G	“Sim. Programas de perguntas e desafios, são interessantes. Porque acaba por ser uma competição para ver quem é que acerta as perguntas”.	+
H	“Sim sempre, e acho que é muito bom, então com os meus pais é fantástico! Tudo o que é programas em directo dá para rir e assim, porque eles estão sempre a dizer piadas sobre o que eles estão ou não a fazer”.	+
I	“Sim alguns. Séries, porque nós gostamos de ver isso, o telejornal às vezes porque as pessoas mais velhas gostam de ver e quando estamos na sala vemos todos juntos”.	+
J	“Depende do programa. Já assisti a alguns, mas já não é tanto assim, mas antes sim, assistia a muitos. Com os amigos não”.	-
L	“Sim muitas vezes. Aqueles programas por exemplo de jogos, por vezes ao fim de semana juntamo-nos todos e estamos a ver, e filmes também”.	+

M	“Sim. Séries e filmes e às vezes telejornais, assim essas coisas. Porque além de não ter muita piada de ver Televisão sozinha, dá sempre para comentar e fazermos observações e ver o que é que um pensa, o que é que o outro não pensa”.	+
N	“Sim, com amigos fartamo-nos de rir quando estamos a ver alguns programas e com a minha família também. Com os meus amigos costumo ver alguns filmes e costumamos ver desenhos animados para gozarmos um bocado e com a minha família é aqueles programas mesmo para família e as novelas também”.	+
O	“Costumo, aliás à noite é o que eu faço com a minha família, vejo Televisão, comentamos as coisas, rimo-nos um bocado. Às vezes quando a minha irmã e a minha mãe já estão a dormir vejo com o meu pai filmes de terror”.	+
P	“Não muito. Com os familiares às vezes às horas de comer, mas de resto não. Às vezes é o telejornal e outras vezes é mesmo séries”.	+/-
Q	“Sim, normalmente com o meu pai como é reformado e normalmente está sempre em casa vemos tudo juntos. Filmes, normalmente são filmes. É mais divertido, temos sempre alguma coisa para dizer”.	+
R	Não, aquilo lá em casa funciona cada um na sua divisão e pronto. Não, nem por isso.	-
S	“Não. Também não”.	-

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Frequência do acesso

c) Alteração de hábitos de consumo/ criação de novos consumos

(Consideras que deixaste de fazer determinadas actividades para poderes assistir a um programa favorito de Televisão? Dá-me um exemplo que se tenha passado contigo.)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Não, nunca deixei de fazer algo para ver um programa. Prefiro sempre fazer o que tenho para fazer e posso sempre ir ver o programa à Net”.	-
B	“Não, isso não”.	-
C	“Não”.	-
D	“Não”.	-
E	“Não, acho que não”.	-
F	“Não, nunca”.	-
G	“Já aconteceu sim, sem dúvida. Há uns anos sim, agora já não, mas antes sim. Por exemplo, saía da escola a correr para ver o “Big Brother”, mesmo o primeiro, eu saía mesmo a correr para conseguir ver ainda o início”.	+/-
H	“Já aconteceu. Agora acho ridículo. No início dos “Morangos” no verão toda a gente ia para a praia, e eu às seis e tal da tarde estava em casa a ver “Morangos com Açúcar”. Agora já não.”	+/-
I	“Não. Talvez a minha mãe mandar-me fazer alguma coisa e eu não fazer porque estou a ver Televisão”.	-/+
J	“Não”.	-
L	“Não”.	-
M	“Isso às vezes pode ter acontecido, mas se for uma actividade mesmo muito importante não é a Televisão que me vai impedir de eu o fazer, isso tenho a certeza. Por exemplo, às vezes tenho duas semanas para acabar um trabalho mas vai dar uma série que eu gosto muito de ver, então lá vou ver a série, que até pode dar quinze episódios seguidos e eu vejo os quinze episódios seguidos só por pensar que ainda tenho mais duas semanas para fazer o trabalho e isso às vezes não é bom”.	+
N	“Não, porque como eu chego todos os dias às seis e meia a casa não tenho tempo para fazer nem uma actividade nem quase para ver Televisão por isso é ler alguma coisa, jantar, fazer trabalhos e ir para a cama”.	-
O	“Isso acho que já aconteceu, quando era pequena então costuma ver bastante Televisão. Uma vez até fiquei parada em frente à Televisão, a minha avó foi andando sem mim para a escola e eu fiquei a ver Televisão então corri a casa toda, não a encontrei, quase que a apanhei a meio do caminho	+

	e a minha avó também já um bocado aflita à minha procura. Acho que a Televisão naquele momento não foi a decisão melhor a fazer”.	
P	“Não, nada!”.	-
Q	“Não”.	-
R	“Não, a Televisão é aquela coisa de poder gravar e ver depois, ou então vejo na Internet”.	-
S	“Não”.	-

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Tipos de consumo

(Que programas costumam ver na Televisão?)

Entrevistado	Unidade de Contexto
A	“Na Televisão vejo principalmente séries e às vezes programas de música”.
B	“Telenovelas principalmente”.
C	“Séries, gosto de ver séries, gosto de ver jogos de futebol, desporto, rãguebi, futebol, essas coisas, alguns desenhos animados”.
D	“Não costumo ver. (...) acho que perdi muito interesse na Televisão”.
E	“Séries, desporto também costumo ver na Televisão”.
F	“Programas desportivos, séries, comédias, filmes... eu vejo quase tudo”.
G	“Os “Simpsons”, séries”.
H	“Vejo muitas séries da Fox Life, adoro e da Odisseia também gosto muito de documentários sobre golfinhos”.
I	“Séries inglesas, americanas, “Morangos com Açúcar” às vezes e quando não tenho nada para fazer, o telejornal”.
J	“Eu nunca vejo aqueles programas que têm a hora e eu vou logo ver. Não é diariamente. Gosto muito de ver os programas da Sic Radical, alguns da TVI, gosto daquele do Guinness, gosto da MTV (...) E algumas séries da Fox”.
L	“Desenhos animados, sou uma grande fanática, filmes e todos os dias o telejornal com os meus pais”.
M	“Vejo filmes, vejo mais filmes, e às vezes vejo os telejornais e séries. Séries e filmes”.
N	“Costumo ver a “Anatomia de Grey, “Os Ossos”, desenhos animados, documentários também sobre pintura, costumo ver alguns filmes também”.
O	“Normalmente costumo ver “CSI”, costumo ver “House”, costumo ver programas da “Fox” e outros programas relacionados com criminologia”.
P	“Costumo ver séries, telejornal às vezes, algumas reportagens, canais de musica mas não muito mais”.
Q	“Desporto, séries televisivas, tipo o AXN dá sempre muitos filmes e aqueles programas que têm sempre continuidade”.
R	“Vejo mais séries na Fox Life, Fox, AXN, entre outros”.
S	“Normalmente vejo uns filmes, não sigo exaustivamente séries mas pronto, vejo quando não tenho mais nada para fazer”.

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Representações positivas e negativas sobre a Televisão
(Qual é a tua opinião acerca da Televisão?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Acho que a Televisão também é bastante boa, porque transmite muita informação, embora às vezes informação não útil. Mas de uma forma geral é cultivante”.	+
B	“A Televisão é entretenimento para muitas pessoas, é bom para as pessoas que estão sozinhas, e pronto é uma companhia digamos assim, é negativo esse ponto mas também é positivo, é meio-meio. Também é formativo por causa do telejornal e vários programas que dão também para as crianças, que também são informativos para elas. E também aprende-se muito na Televisão, principalmente para as crianças”.	+
C	“É essencial, hoje em dia acho que as pessoas não podem viver sem Televisão. Porque as pessoas não têm paciência para estar sempre a comprar jornais, ou preferem sentar-se no sofá e ver Televisão”.	+
D	“Os programas são de pouco interesse cultural”.	-
E	“Acho que através da Televisão também podemos aceder a vários programas e obter informação. Na Internet nós podemos ver sempre quando quisermos enquanto que na Televisão já não, já não depende de nós”.	+/-
F	“A Televisão manipula-nos, portanto altera-nos de certo modo”.	-
G	“(…) a Televisão antes era mais interessante do que é agora, por causa dos anúncios e isso tudo, perde o interesse”.	-
H	“Eu sou a favor da Televisão completamente e sem Internet via-me, sem Televisão não”.	+
I	“Eu acho que a Televisão é uma coisa boa e uma coisa má é como a Internet, porque a Televisão pode-nos dar muita informação mas também começa a ser um vício porque, por exemplo, podemos ligar a Televisão para ver coisas importantes e interessantes ou então para ver coisas que não são nada interessantes e que não nos valorizam nada”.	+/-
J	“Eu acho que a Televisão faz com que as pessoas fiquem com certas coisas na cabeça que não são reais, porque as pessoas são muito influenciáveis e quando olham para certas coisas ficam logo a imaginar que a vida delas vai ser assim mesmo nos programas, em séries, até mesmo no telejornal, tudo e isso faz com que muitas pessoas fiquem “malucas” e façam coisas impróprias na vida”.	-
L	“Eu penso que é importante porque há determinadas coisas que nós aprendemos na Televisão e é sempre bom aprender mais”.	+
M	“(…) bom meio de entreter as pessoas quando não têm nada	+

	para fazer e estão sozinhas e também como aquela coisa da Internet de espalhar a informação pelas pessoas eu acho que é importante, principalmente por causa disso”.	
N	“Acho que também é uma coisa boa, porque passa os filmes que saem no cinema, uma pessoa escusa de ir comprar porque depois vai estrear sempre na Televisão e também com os documentários podemos sempre aprender alguma coisa que falha na Internet”.	+
O	“Eu acho que a Televisão não é assim um hobby tão interessante (...) só algumas séries de criminologia”.	-
P	“A Televisão veio a evoluir bastante, mas também já foi um bocado trocada pela Internet, porque na Internet pode-se ver Televisão e temos acesso a tudo. Agora acho que a Televisão evoluiu, acho que neste momento já não pode evoluir mais do que o que está actualmente”.	-
Q	“Acho que é bom também serve para entreter e também nos dá informação quando precisamos”.	+
R	“Acho que é uma boa companhia, é uma companhia que é constante, uma pessoa não tem de trabalhar para se divertir, está lá”.	+
S	“É um utensílio de entretenimento, para quem não tem nada para fazer eu acho que ver Televisão é sempre uma companhia, sempre se vai actualizando, vê notícias outros programas de conhecimento, lazer, mas pronto eu acho que acima de tudo é um objecto de entretenimento, é secundário, se não tivermos mais nada para fazer vamos ver Televisão”.	-

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Representações positivas e negativas sobre a Televisão

(Os programas que assistes na Televisão influenciam a tua forma de te relacionares/comunicares com os outros? Podes dar-me exemplos?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Não, vejo apenas na Televisão uma hipótese de comunicar mas não a uso, porque acho que a minha maneira de se está bem como está e não vejo na Televisão uma referência”.	-
B	“Não”.	-
C	“Eu acho que não, se calhar há alguns programas que nós discutimos e se calhar, podemos representar na vida social, não é? Como o “Gato Fedorento” ou outras séries que nós vemos. Podemos representar coisas que vemos aí cá fora”.	-/+
D	“Não”.	-
E	“Não isso não ”.	-
F	“Não, mas isso pode acontecer com pessoas mais novas. Em raparigas com idade inferior a 8, 9 anos, 10, isso acontece frequentemente. Com os desenhos animados por exemplo”.	-
G	“Sim, sem dúvida, porque ao vermos documentários ou até um debate nós podemos estender o nosso vocabulário.”.	+
H	“Não, porque tenho plena noção do que o que dá na Televisão é ficção”.	-
I	“Não”.	-
J	“Não, acho que é igual”.	-
L	“Penso que sim, porque como se diz o que nós fazemos está por base no que ouvimos, por isso penso que às vezes também modifica um pouco a maneira como vemos as coisas”.	+
M	“Sim, depende de alguns programas, alguns que nos fazem ter um bocadinho mais de consciência sobre aquilo que devemos ou não fazer. Por exemplo se vemos nalgum programa uma pessoa a tomar uma atitude errada e depois inconscientemente fica na nossa cabeça que aquilo não se deve fazer se não queremos sofrer tais consequências”.	+
N	“Suponho que não, mas nós às vezes costumamos retirar algumas frases de programas para gozar um pouco com isso mas nada mais que isso ”.	-/+
O	“ Nem por isso, eu tenho os meus gostos e vejo aquilo porque gosto, aquilo não me influencia ”.	-
P	“Não, nada”.	-
Q	“Não”.	-
R	“Depende do tipo de programas, mas não”.	+/-
S	“Depende do programa, mas sim certos programas de boa qualidade consciencializam-nos e tornam-nos mais pessoa, ou	+

	seja, fazem-nos ver as coisas de outra maneira e penso que desse modo influencia um bocado”.	
--	--	--

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Representações positivas e negativas sobre a Televisão

(Na tua opinião, qual o contributo que a Televisão tem nos dias de hoje para os jovens como tu?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Actualmente há bastantes programas que servem para entreter e quando não há que fazer acho que é uma boa maneira de passar o tempo. Acho que as pessoas com a minha idade não procuram muito a Televisão para aprenderem novas coisas mas sim para passar mais o tempo”.	+
B	“A informação principalmente. Estamos mais actualizados com a Televisão”.	+
C	“Eu acho que tem mais um papel de entretenimento.”	+
D	“ (...) É sempre um órgão de informação e dá-nos a conhecer coisas novas e... sim, sim, a Televisão é importante, mas podendo optar eu vou sempre pela Internet”.	+
E	“As séries que nós vemos penso que são importantes porque podemos ficar mais informados talvez”.	+
F	“Zero”.	-
G	“Entretenimento, dar informação, e acho que é só”.	+
H	“ (...) É mais para ocupar o tempo livre”.	+
I	“Talvez informar-nos sobre como e que está o mundo, às vezes documentários e programas que nos ensinem coisas”.	+
J	“Faz muitas coisas na cabeça, as pessoas são muito influenciáveis e ao verem certos programas as pessoas passam para a vida delas e isso é mau. Com a minha idade então são muito influenciáveis principalmente os rapazes”.	-
L	“Para os jovens como eu, por exemplo, quando estamos a realizar um trabalho é sempre bom se virmos um documentário acerca do tema porque enriquece sempre a maneira como estamos a pensar e o que sabemos sobre o tema”.	+
M	“Para os jovens a Televisão acho que não tem muito, pelo menos na minha idade, porque agora é tudo mais para a Internet, Internet, Internet, mas infelizmente acho que os jovens quando não estão na Internet estão a ver Televisão, por isso acho que o contributo não seja assim grande coisa”.	-
N	“Contributo não tenho bem a certeza, mas acho que alguns programas podem, por exemplo, o programa que acabou agora que se chamava “Uma Canção Para Ti”, penso que esse programa foi bastante positivo para as crianças porque elas puderam mostrar o seu talento ao mundo todo, principalmente a Portugal”.	-/+
O	“Eu acho que há pessoas que são deveras influenciadas, por exemplo, nos casos de anorexia (...) e há pessoas que vão sempre em busca daquele perfeccionismo, mas nunca	-

	encontram porque aquilo que lá está é falso é manipulado e não deve ser aquela imagem que deve passar”.	
P	“Eu acho que não tem muito contributo. Acho que os jovens hoje em dia não estão assim tão interessados na Televisão, acho que preferem fazer outras coisas do que estar sentados, pelo menos como eu, estar sentados a ver Televisão à espera do que quer que seja”.	-
Q	“Estarmos a par do que acontece no mundo e estarmos sempre informados”.	+
R	“Nos jovens como eu é um bocadinho a geração Internet, portanto a partir do momento em que denominam como geração Internet a Televisão acaba por perder um bocadinho o impacto, é mais é para camadas mais jovens ou então gente mais idosa”.	-
S	“Penso que não contribui assim de modo directo, a Televisão não nos traz assim benefícios directos, só no sentido de um programa que nós vejamos e que nos ensine alguma coisa, isso já nos beneficia, mas tirando assim isso penso que não traz grandes benefícios”.	-

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Perspectivas de futuro da Televisão

(Se pudesses mudar alguma coisa na Televisão o que mudarias? Porquê?)

Entrevistado	Unidade de Contexto	Direcção
A	“Provavelmente tirava a publicidade. Acho que a publicidade é apenas uma maneira de chatear as pessoas porque passam repetidamente. Creio que alguns programas mais chatos ou então criar um canal para jovens, que abordasse temas que os jovens gostam, sem publicidade, e onde pudessem entrar em programas em directo para entrar em conversas e temas que lhes agradem. No fundo onde pudessem passar o tempo de forma mais divertida”.	+
B	“A publicidade acabava com a publicidade. Porque às vezes estamos a ver uma novela ou um filme que nos está a interessar e por causa da publicidade muitas vezes adormecemos”.	+
C	“Nada, acho que ela está boa com está. Porque gosto de ver os programas como eles estão agora”.	-
D	“Eu mudaria a transmissão de com certeza alguns <i>talk shows</i> e <i>reality shows</i> que são, não sei, menos interessantes. Não sei, eu tenho pouca facilidade em ficar agarrado à Televisão sem poder fazer mais nada, enquanto eu estou no computador posso ouvir música e isso tudo, enquanto eu estou na Televisão é estar a utilizar aquele tempo a olhar para o ecrã e às vezes os programas nem sequer têm aquele interesse todo que deviam ter para mim”.	+
E	Há programas que não importam a ninguém mesmo. Penso que era escusado e também o excessivo número de anúncios.	+
F	“Os telejornais da TVI, porque acho que não sabem fazer notícias”.	+
G	“Menos tempo de intervalo. Porque é extremamente aborrecido”.	+
H	“Mudaria os temas do telejornal (...) acho que é excessivo e acho que as pessoas começam a perder interesse, eu pelo menos começo a perder interesse”.	+
I	“Talvez a forma como eles apresentam os programas e os programas que eles passam lá, porque não fazem da maneira correcta e porque por vezes também não passam programas interessantes e que as pessoas gostem”.	+
J	“Mudaria as novelas, são muitas”.	+
L	“Provavelmente o tempo de anúncios que tem vindo a aumentar e está a tornar-se muito obsessivo o tempo que eles põe na Televisão”.	+
M	“Alguns programas um bocado parvos, telenovelas, que não contribuem nada para nós e simplesmente não deviam existir”.	+
N	“Mudaria alguns canais com séries bastante violentas (...) porque algumas podem apanhar o vício daquilo, por exemplo o “Wrestling”, as crianças vêem aquilo e têm a tendência a	+

	fazer as mesmas coisas que vêm”.	
O	“Talvez os anúncios. São demasiados. Impingem-nos publicidade à força toda. Porque eventualmente não só para nós que também estamos aborrecidos as televisões também devem perder um bocado de clientes a ver aquilo, e é aborrecido e as pessoas acabam por deixar de ver”.	+
P	“Talvez aquelas publicidades horríveis”.	+
Q	“Punha mais canais, ou mais canais diferentes. Há muitos canais mas são sempre a mesma coisa. E outra programação que não seja sempre a mesma”.	+
R	“Acho que eles já estão a mudar isso, na parte da interactividade. Estamos a ver uma serie na Televisão mas apanhamo-la a meio e já dá para começar do início, acho que isso é uma coisa muito boa, isso é muito positivo na Televisão”.	+
S	“ (...) eu tentava ver quais os programas que têm interesse e se não têm interesse acabavam porque não ensina nada”.	+

Televisão – representações e expectativas dos jovens

- Perspectivas de futuro da Televisão

(Daqui a 10 anos, como imaginas a Televisão?)

Entrevistado	Unidade de Contexto
A	“Daqui a 10 anos a Televisão deve ser com programas à nossa escolha sem ser uma programação fixa onde possamos ver o que queremos quando queremos, um pouco como já acontece na Internet, onde podemos ver quando queremos”.
B	“Com cheiro também, é o que falta. Acho que não há mais nada que possa interferir na Televisão. (...) acho que já tem tudo... já podemos parar um canal e continuarmos a ver... e acho que só falta mesmo isso”.
C	“Na parede, cada casa vai estar instalada com uma Televisão lá dentro e os programas vão ser mais interactivos”.
D	“Não faço ideia. Não sei se a Televisão evolui... não sei se o futuro está muito virado para a Televisão (...) se calhar vamo-nos basear mais em notícias e em informação”.
E	“Tal e qual como está agora, porque não vai evoluir assim muito como a Internet”.
F	“No fundo a mesma coisa, mas com filmes mais desenvolvidos, não sei novas técnicas de Televisão, agora já existe o HD, novas técnicas se calhar. Em termos de programação, o mesmo mas também mais desenvolvido. Porque o mundo está sempre em desenvolvimento”.
G	“Espero que com menos intervalos, mas tenho quase a certeza que vai ser com mais. De canais nacionais, que dessem séries um bocadinho mais interessantes e tirassem os programas da tarde e da manhã. E dos outros canais, que continuem a dar séries porque os outros canais, canais da TV CABO e assim, continuam a dar séries que eu gosto de ver por isso, por mim, podem continuar assim”.
H	Com muitos mais programas em directo (...) com mais séries para crianças (...) é raro ver-se muito tempo dedicado às crianças.
I	“Já não vai ser tão importante, já vão fazer coisas mais importantes que a Televisão, porque estão sempre a inventar coisas novas e a Televisão agora é menos importante e no futuro ainda vai ser menos”.
J	“Se for com aquelas coisas que eles inventam de parar no meio só para vermos um programa está muito bom, quero que ela continue assim, e de preferência grátis”.
L	“De uma maneira mais sofisticada e provavelmente com muito mais tempo de anúncios, da maneira como tem vindo a aumentar”.
M	“Espero que a informação seja mais actualizada”.
N	“Acho que a Televisão não vai ser tão importante como agora e que a Internet vai ter mais importância e a Televisão cada vez vai ter menos programas”.
O	“Daqui a dez anos para mim não haverá Televisão, haverá coisas melhores (...) Para já as pessoas estão cada vez a aderir mais à Internet do que à Televisão, precisamente por causa dos horários porque temos coisas que queremos ver.”

P	“Acho que já foi completamente ultrapassada daqui a dez anos, acho que vai haver outros meios para substituir a Televisão. Acho que nessa altura não vai ter tanta importância nem tanta utilidade”.
Q	“Com uma programação mais variada e com menos publicidade”.
R	“Também posso partir para a parte virtual. Acho que é uma coisa bastante positiva. Por mais que isso depois faça perder o aspecto familiar (...) Em termos de programas acho que não vai ser muito diferente do que está agora”.
S	“O sistema televisivo e a diversidade de canais e de programas têm vindo a aumentar de forma eficiente e a Televisão de há vinte anos não é a mesma coisa que agora portanto tem vindo a haver uma evolução satisfatória e com algum sucesso. Eu penso que vai evoluir cada vez mais, não posso dizer como vai ser mas que vai evoluir e que vão haver inovações acho que sim. Em termos de conteúdos acho que vai ser a mesma coisa, vão ser sempre os mesmos”.